

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Pedro Xavier Manfro**

**A PERCEPÇÃO DE CARREIRA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A  
ATUAÇÃO NO MERCADO DE ACADEMIAS: EXPECTATIVAS E REALIDADES**

**Porto Alegre**

**2017**

**Pedro Xavier Manfro**

**A PERCEPÇÃO DE CARREIRA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A  
ATUAÇÃO NO MERCADO DE ACADEMIAS: EXPECTATIVAS E REALIDADES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientação: Prof. Dr. Mauro Myskiw

**Porto Alegre**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**A PERCEPÇÃO DE CARREIRA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A  
ATUAÇÃO NO MERCADO DE ACADEMIAS: EXPECTATIVAS E REALIDADES**

**Pedro Xavier Manfro**

Conceito Final: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Gustavo Roese Sanfelice - FEEVALE

---

Prof. Dr. Rogério Voser - UFRGS

---

Prof. Dr. Ricardo Petersen - UFRGS

---

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw - UFRGS

Porto Alegre, 17 de setembro de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao professor Mauro, pelo suporte, sabedoria e também pela paciência interminável em me ajudar a concluir este projeto;

Aos ex-colegas de trabalho que se dispuseram a me ajudar nesta construção;

À Joana, minha esposa, responsável por 99% de todo apoio motivacional que tive ao meu dispor para poder dar esse grande passo.

Joana, é como nas grandes histórias, aquelas que realmente importam. daquelas que ficamos ansiosos para saber o fim. O final poderia ser diferente? Nosso sucesso está escrito em cada vez que trabalhamos juntos. Como a vida poderia voltar ao modo como era quando tantas coisas já aconteceram? O final deste mestrado é apenas mais uma fase. Um novo dia virá. Essas histórias ficarão conosco, elas significaram muito para o nosso crescimento como família. Tivemos muitas mudanças, passamos pela vontade da desistência - a qual não escolhemos. Continuamos porque estávamos seguros um no outro. Te agradeço imensamente pelo incentivo, pelas cobranças, por ser mil pessoas enquanto eu poderia ser apenas uma. Obrigado por tudo. Obrigado por ser a mãe dos nossos meninos. Pela nossa família vale qualquer luta.

## RESUMO

### A PERCEPÇÃO DE CARREIRA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A ATUAÇÃO NO MERCADO DE ACADEMIAS: EXPECTATIVAS E REALIDADES

**Autor: Pedro Xavier Manfro**

**Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw**

Em vista do crescente mercado de academias na cidade de Porto Alegre e da inserção de profissionais de Educação Física, este trabalho tem o propósito de compreender como tem se caracterizado tal mercado e, no interior dele, quais percepções de carreiras são constituídas pelos profissionais em diferentes momentos de suas trajetórias. Através de um delineamento qualitativo de entrevistas semiestruturadas, busquei entender como são formadas as expectativas de carreira dos graduandos, assim como também entender como as carreiras dos mais experientes foram construídas. No começo da pesquisa contatei interlocutores-chave já inseridos no mercado, através dos quais tive a oportunidade de entrar em contato com outros profissionais. Descrevendo a narrativa de cada entrevista baseada nos conteúdos temáticos, pude notar alguns pontos recorrentes em cada fala, onde emergiram categorias interpretativas como a (i) adaptabilidade para executar diversas funções no mesmo período, (ii) a incerteza sobre o futuro da carreira, (iii) a possibilidade de uma graduação paralela e (iv) a resiliência profissional da Educação Física. Através destas percepções, propus a construção de um novo desenho de carreira, chamada aqui de *carreira ramificada*, a qual pode ser visualizada através de um diagrama de árvore ramificada (origem do nome), onde as linhas representam a trajetória de carreira que se mostra circunstancial. Entende-se que num constructo individual, o profissional pode atuar em uma gama de opções dentro do mercado até que consiga buscar o que melhor lhe convém. Independente do formato em que esta carreira acontece, o desenvolvimento pessoal/profissional é constante no que concerne o acúmulo de experiência.

Palavras-chave: mercado de trabalho; carreira; profissional; Educação Física; carreira ramificada.

## **ABSTRACT**

### **PERCEPTION OF CAREERS OF PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONALS AND THE ACADEMY MARKET ACTIVITY: EXPECTATIONS AND REALITIES**

**Author: Pedro Xavier Manfro**

**Supervisor: Prof. Dr. Mauro Myskiw**

In view of the growing market of gyms in the city of Porto Alegre and the insertion of Physical Education professionals, this paper aims to understand how this market has been characterized and within it, which perceptions of careers are constituted by professionals in different moments of their trajectories. Through a qualitative delineation of semi-structured interviews, I tried to understand how graduates' career expectations are shaped, as well as to understand how the most experienced careers were built. At the beginning of the research I contacted key interlocutors already in the market, through whom I had the opportunity to get in touch with other professionals. Describing the narrative of each interview based on the thematic contents, I could note some recurring points in each speech, where interpretive categories emerged such as (i) adaptability to perform several functions in the same period, (ii) uncertainty about the future of the career, (iii) the possibility of a parallel graduation and (iv) the professional resilience of Physical Education. Through these perceptions, I proposed the construction of a new career design, called here a branched career, which can be visualized through a branched tree diagram (origin of the name), where the lines represent the career path that shows circumstantial. It is understood that in an individual construct, the professional can act on a range of options within the market until he can find what suits him best. Regardless of the format in which this career takes place, personal / professional development is constant in what concerns the accumulation of experience.

**Keywords:** Job market; Career; Professional; Physical Education; Branching career.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - DISTRIBUIÇÃO DO MERCADO MUNDIAL DE ACADEMIAS.....	12
<b>TABELA 2</b> - PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE ACADEMIAS NO MUNDO .....	13
<b>TABELA 3</b> - PAÍSES COM MAIOR FATURAMENTO DO SEGMENTO.....	13
<b>TABELA 4</b> - PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE CLIENTES DE ACADEMIAS NO MUNDO.....	14
<b>TABELA 5</b> - NÚMERO DE ACADEMIAS REGISTRADAS NO SISTEMA CONFEF/CREFs.....	15
<b>TABELA 6</b> - ESTADOS COM MAIS DE MIL REGISTROS DE ACADEMIAS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS.....	16

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> -	EXEMPLO DE CARREIRA PARALELA ENTRE NÍVEL GERENCIAL E TÉCNICO.....	24
<b>FIGURA 2</b> -	EXEMPLO DE CARREIRA EM Y.....	25
<b>FIGURA 3</b> -	EXEMPLO DE CARREIRA EM REDE .....	27
<b>FIGURA 4</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE SABRINA .....	40
<b>FIGURA 5</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE CAROLINA .....	42
<b>FIGURA 6</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE FERNANDA .....	45
<b>FIGURA 7</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE FAUSTO .....	47
<b>FIGURA 8</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE MARCELO.....	50
<b>FIGURA 9</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE FRANCINE .....	51
<b>FIGURA 10</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE ALESSANDRO .....	53
<b>FIGURA 11</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE PABLO .....	55
<b>FIGURA 12</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE LAURA .....	56
<b>FIGURA 13</b> -	INSERÇÕES, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE ANA .....	58



## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE 1 - MODELO DE TERMO DE CONCORDÂNCIA DE GESTORES/RESPONSÁVEIS DAS ACADEMIAS .....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE 3 - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>84</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ACADEMIAS COMO OPORTUNIDADES DE TRABALHO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>PERCEPÇÕES E INTERROGAÇÕES SOBRE RELAÇÕES EMPREGATÍCIAS NAS ACADEMIAS.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>MODELOS DE CARREIRAS E PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>22</b>
3.1	MODELOS DE CARREIRAS PROFISSIONAIS .....	23
3.1.1	<i>Carreira paralela</i> .....	23
3.1.2	<i>Carreira em Y</i> .....	24
3.1.3	<i>Carreira múltipla (e Carreira em W)</i> .....	26
3.1.4	<i>Carreira em rede</i> .....	26
3.1.5	<i>Carreira linear</i> .....	27
3.1.6	<i>Carreira sem fronteiras</i> .....	28
3.1.7	<i>Carreira caleidoscópica</i> .....	29
3.1.8	<i>Carreira proteana</i> .....	29
3.2	PROBLEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	30
3.2.1	<i>Objetivo geral</i> .....	31
3.2.2	<i>Objetivos específicos</i> .....	31
<b>4</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>32</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	32
4.2	COLABORADORES DA INVESTIGAÇÃO .....	33
1.3.	PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES E QUESTÕES ÉTICAS.....	35
4.3	PROCESSOS DE ANÁLISES E DE INTERPRETAÇÕES.....	36
<b>5</b>	<b>TRAJETÓRIAS, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE CARREIRAS .....</b>	<b>38</b>
5.1	TRAJETÓRIA 01: SABRINA .....	39
5.2	TRAJETÓRIA 02: CAROLINA .....	41
5.3	TRAJETÓRIA 03: FERNANDA .....	43
5.4	TRAJETÓRIA 04: FAUSTO .....	45
5.5	TRAJETÓRIA 05: MARCELO .....	47
5.6	TRAJETÓRIA 06: FRANCINE .....	50

5.7	TRAJETÓRIA 07: ALESSANDRO .....	51
5.8	TRAJETÓRIA 08: PABLO .....	54
5.9	TRAJETÓRIA 09: LAURA .....	55
5.10	TRAJETÓRIA 10: ANA.....	56
<b>6</b>	<b>TRAJETÓRIAS MARCADAS POR ADAPTABILIDADE, INCERTEZA, POSSIBILIDADES PARALELAS E RESILIÊNCIA.....</b>	<b>59</b>
6.1	ADAPTABILIDADE PARA EXECUTAR DIVERSAS FUNÇÕES NO MESMO PERÍODO .....	60
6.2	A INCERTEZA SOBRE O FUTURO DA CARREIRA .....	65
6.3	A POSSIBILIDADE DE UMA CARREIRA PARALELA .....	69
6.4	A RESILIÊNCIA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	71
<b>7</b>	<b>UM MODELO DE CARREIRA RAMIFICADA .....</b>	<b>74</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>81</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>86</b>

## 1 ACADEMIAS COMO OPORTUNIDADES DE TRABALHO

Estabelecimentos da área *fitness* e de esportes em geral têm tido uma importância bastante relevante na contextualização de investimentos e consumo a nível mundial. A profissionalização do esporte de competição e o aumento do número de praticantes das mais variadas modalidades esportivas fez com que o mercado se adaptasse e o público em geral pudesse consumir o esporte de diversas formas, seja para fins de saúde, lazer ou escolar (AZEVEDO, 2009).

Com esse crescimento, emergiu a oportunidade de se investir e de trabalhar na área da saúde através do setor denominado de *fitness*, seja para fins de desempenho, melhoras estéticas ou até mesmo como medicina preventiva. Em se tratando de oportunidade de trabalho, não há dúvidas de que se trata de um setor em expansão, embora se possa questionar o faturamento. Dados de 2016 apontam que o mercado de academias no mundo atinge cifras acima de 80 bilhões de dólares ao ano, com mais de 200 mil academias distribuídas em todos os continentes e atendendo mais de 160 milhões de pessoas, conforme a tabela abaixo.

**Tabela 1** - Distribuição do mercado mundial de academias.

<b>Região</b>	<b>Faturamento (US\$)</b>	<b>Estabelecimentos</b>	<b>Clientes</b>
Europa	29,600,591,144	55003	56,869,000
América do Norte	30,167,000,000	42696	62,865,500
Ásia-Pacífico	14,416,000,000	31011	17,355,500
América Latina	6,009,000,000	65863	19,921,400
Oriente Médio e Norte da África	2,024,062,509	5660	3,413,750
África do Sul	931,327,480	834	1,679,700
<b>Total</b>	<b>83,147,981,133</b>	<b>201,067</b>	<b>162,104,850</b>

Fonte: Relatório Global IHRSA<sup>1</sup> (2017). Dados referentes ao ano de 2016.

Como podemos perceber nessa tabela 1, o número de estabelecimentos diverge muito da lógica de faturamento e também da fatia da população atingida, nos levando a ponderar sobre o impacto de questões socioculturais e de infraestrutura de cada país. Aprofundando mais essa questão, apresento dados, também de 2016, sobre como o mercado se distribui mundialmente nos países com maior número de

<sup>1</sup> A International Health, Racquet & Sportsclub Association (IHRSA) é uma organização que agrega empresários e profissionais da área *fitness*, ofertando soluções em educação, *networking* e pesquisas. Mais informações disponíveis em: <http://hub.ihrsa.org/ihrsa-brasil>

academias, ressaltando que estes 10 países somam 66% da totalidade de academias do planeta (tabela 2).

**Tabela 2 - Países com maior número de academias no mundo**

<b>País</b>	<b>Número de Estabelecimentos</b>
Estados Unidos	36,540
<b>Brasil</b>	<b>34,509</b>
Alemanha	12,376
Argentina	8,684
México	7,910
Itália	7,500
Coréia do Sul	6,839
Reino Unido	6,728
Canadá	6,156
Japão	5,979

Fonte: Relatório Global IHRSA (2017). Dados referentes ao ano de 2016.

Ainda, a fim de suplementar os dados da tabela acima em relação o mercado na região da América Latina, subraindo o Brasil e o México, que já estão entre os países com o segmento bem aquecido, saliento que com mais de mil academias registradas ainda há a Argentina (7.910), o Chile (1.969), a Colômbia (1.752) e o Peru (1.681).

A tabela 2 mostra a diferença do número de academias nos Estados Unidos e no Brasil comparando com outros países. Como observado, o Brasil coloca-se bem próximo do líder mundial no número de academias (superando quase a totalidade de academias somadas entre Alemanha, Argentina, México e Itália), mas no quesito faturamento em relação ao mercado, o país não apresenta números de liderança, como indica a tabela 3.

**Tabela 3 - Países com maior faturamento do segmento.**

<b>País</b>	<b>Faturamento (US\$)</b>
Estados Unidos	27,606,000,000
Reino Unido	6,103,896,103
Alemanha	5,588,128,000
Japão	5,158,000,000
França	2,727,670,400
Canadá	2,561,000,000
Austrália	2,555,000,000
Itália	2,451,030,400
Espanha	2,402,341,760
<b>Brasil</b>	<b>2,100,000,000</b>

Fonte: Relatório Global IHRSA (2017). Dados referentes ao ano de 2016.

Quando entramos no quesito faturamento, os 10 países com os melhores números (estes listados acima) somavam, em 2016, 71% do total do mercado. E, como observado, apesar de o Brasil ser um dos países com maior número de academias, essa posição cai para 10º lugar no faturamento, muito embora seja também um dos países com o maior número de clientes em academias no globo. Dados do somatório de clientes nos 10 países com melhores números (levantamento de 2016) estão disponíveis na tabela 4. Esses países representavam, naquele ano, 72% da totalidade mundial.

**Tabela 4** - Países com maior número de clientes de academias no mundo.

<b>País</b>	<b>Número de clientes (em milhões)</b>
Estados Unidos	57,20
Alemanha	10,08
Reino Unido	9,70
<b>Brasil</b>	<b>9,60</b>
Canadá	5,61
França	5,46
Itália	5,25
Espanha	5,06
Japão	4,16
México	4,10

Fonte: Relatório Global IHRSA (2017). Dados referentes ao ano de 2016.

O mercado de academias no Brasil está bem estabelecido e vem apresentando bons números de crescimento. Esse setor, que é considerado tão bom quanto países de outras regiões mundo, passou de 15 mil academias em 2010 para mais de 30 mil academias em 2014, movimentando cerca de US\$ 2,5 bilhões, ultrapassando a marca de 3,5 milhões de alunos de academias em 2006 para mais de 6,7 milhões em 2012. Dados do mercado global de 2016 apontam o Brasil como o segundo país com o maior número de academias no mundo, atingindo o total de 34.509 estabelecimentos, com um faturamento anual de mais de 2 bilhões de dólares e atendendo cerca de 9,6 milhões de clientes/alunos (RELATÓRIO GLOBAL IHRSA, 2017).

Buscando informações disponíveis no sistema Conselho Federal de Educação Física/ Conselhos Regionais de Educação Física (sistema CONFEF/CREFs), obtive alguns dados adicionais importantes para sustentar o argumento de crescimento do número de academias. Em agosto de 2017 as informações apresentadas pelo sistema

CONFED/CREFs indicavam um total de 46.143 academias no Brasil, sendo este número referente às academias registradas, não necessariamente ativas. Já em agosto de 2018, diante de nova consulta o total apresentado foi de 52.345 estabelecimentos, isto é, um aumento de 13%. Esses dados e mais detalhes do crescimento em diferentes CREFs/Estados estão disponíveis na tabela 5 abaixo.

**Tabela 5 - Número de academias registradas no sistema CONFED/CREFs<sup>2</sup>**

<b>CREFs/ESTADOS</b>	<b>ago/17</b>	<b>ago/18</b>	<b>Diferença (+)</b>	<b>Crescimento em %</b>
CREF1/RJ	3.180	3.844	664	21%
SECCIONAL ES	902	1.129	227	25%
<b>TOTAL CREF1/RJ-ES</b>	<b>4.082</b>	<b>4.973</b>	<b>891</b>	<b>22%</b>
CREF2/RS	4.215	4.719	504	12%
CREF3/SC	3.409	3.872	463	14%
CREF4/SP	13.933	15.144	1211	9%
CREF5/CE	1.311	1.512	201	15%
CREF6/MG	2.712	3.074	362	13%
CREF7/DF	1.350	1.487	137	10%
CREF8/AM	396	419	23	6%
SECCIONAL AC	103	112	9	9%
SECCIONAL RO	157	179	22	14%
SECCIONAL RR	80	93	13	16%
<b>TOTAL CREF8/AM-AC-RO-RR</b>	<b>736</b>	<b>803</b>	<b>67</b>	<b>9%</b>
CREF9/PR	3.472	4.280	808	23%
CREF10/PB	781	969	188	24%
CREF11/MS	1.016	1.106	90	9%
CREF12/PE	1.284	1.473	189	15%
CREF13/BA	1.955	2.179	224	11%
CREF14/GO-TO	2.049	2.250	201	10%
SECCIONAL TO	289	326	37	13%
<b>TOTAL CREF14/GO-TO</b>	<b>2.338</b>	<b>2.576</b>	<b>238</b>	<b>10%</b>
CREF15/PI	455	543	88	19%
SECCIONAL MA	389	454	65	17%
<b>TOTAL CREF15/PI-MA</b>	<b>844</b>	<b>997</b>	<b>153</b>	<b>18%</b>
CREF16/RN	927	1.092	165	18%
CREF17/MT	518	593	75	14%
CREF18/PA	392	458	66	17%
SECCIONAL AP	70	95	25	36%
<b>TOTAL CREF18/PA-AP</b>	<b>462</b>	<b>553</b>	<b>91</b>	<b>20%</b>
CREF19/AL	341	396	55	16%
CREF20/SE	457	547	90	20%
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>46.143</b>	<b>52.345</b>	<b>6202</b>	<b>13%</b>

Fonte: Consulta direta ao sistema CONFED/CREFs, realizada em agosto de 2017 e agosto de 2018. Dados obtidos via correio eletrônico direto de Conselho Regional de Educação Física da 2ª Região (CREFRS) ([contato@crefrs.org.br](mailto:contato@crefrs.org.br)) e no Portal Eletrônico ([www.crefrs.org.br](http://www.crefrs.org.br)).

<sup>2</sup> Vale lembrar que estes dados são sobre pessoas jurídicas cadastradas no sistema CONFED/CREFs, não sendo necessariamente academias de ginástica, já que podem estar incluídos também estúdios, grupos de corrida e outros negócios deste tipo.

Até 2015, o Rio Grande do Sul havia despontado como quarto estado com o maior número de academias no Brasil, atingindo cerca de 2.203 estabelecimentos, perdendo apenas para São Paulo (8.687), Minas Gerais (3.064) e Rio de Janeiro (3.064). Até então é um dos Estados com maior número de academias do país, atingindo, em 2018, um total de de 4.719 registros de academias no Conselho Regional do Rio Grande do Sul, contabilizando ativas e baixadas (CREFRS, 2018), superando inclusive a totalidade de academias encontradas na França (4.000), Austrália (3.351), Rússia (3.080), China (2.670) e Portugal (1.430) e praticamente empatando com a Espanha (4.435)<sup>3</sup>. Essas comparações ajudam a dar uma dimensão do tamanho desse universo de academias no Estado do Rio Grande do Sul, como oportunidades de trabalho.

Outra comparação que faço nesse sentido, ainda que se tenha que ponderar as diferenças entre as fontes, suas metodologias e objetivos, envolve o mercado brasileiro e norteamericano, considerando diferentes regiões. Essa comparação está apresentada na tabela 6 abaixo e retrata nada menos do que os países com o maior número de academias. Quando se observa os Estados, destaco que o Rio Grande do Sul tinha, em 2017, praticamente o mesmo número que a Califórnia, a região dos Estados Unidos com o maior número desse tipo de estabelecimentos.

**Tabela 6** - Estados com mais de mil registros de academias no Brasil e nos Estados Unidos

<b>Estado (Brasil)</b>	<b>Número de Estabelecimentos</b>	<b>Estado (Estados Unidos)</b>	<b>Número de Estabelecimentos</b>
São Paulo	13933	Califórnia	4326
Rio Grande do Sul	4215	Texas	2584
Paraná	3472	Florida	2296
Santa Catarina	3409	New York	2111
Rio de Janeiro	3180	Pennsylvania	1346
Minas Gerais	2712	Illinois	1345
Goiás	2049	New Jersey	1232
Bahia	1955	Ohio	1089
Distrito Federal	1350	Georgia	1082
Ceará	1311	Michigan	1039
Pernambuco	1284	North Carolina	1016
Mato Grosso do Sul	1016	Massachussets	1003

Fonte: CONFEF/CREFs (2017) para Brasil e Relatório Global IHRSA (2017) para Estados Unidos.

<sup>3</sup> É preciso considerar que estes dados dos outros países são relativos ao ano de 2016, divulgados no relatório Global IHRSA (2017) sobre o ano de 2016.



Já na capital do Estado, Porto Alegre, constavam registrados no órgão responsável até maio de 2016 o número total de 656 academias. No levantamento que realizei junto ao CREFRS (2017)<sup>4</sup>, contabilizei um grande número de registros nos anos de 2002, 2011 e 2015. Em agosto de 2017 os registros do referido Conselho indicavam 697 academias ativas. Diante desse cenário é possível concordar com Berevello (2006), quando o autor afirma que o mercado de academias teve um começo forte nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, isso na década de 1950, mas que outras capitais do país logo incorporaram esses estabelecimentos nas suas realidades, tal como noto na capital gaúcha.

Essas informações sobre Porto Alegre, assim como as que trouxe sobre o mercado do Rio Grande do Sul e do Brasil são relevantes para contextualizar que há um universo de trabalho crescente (ou, como se diz, está ‘aquecido’). Mas além de saber disso, a proposta deste estudo é a de avançar no sentido de compreender como os profissionais de educação física estão percendo esse mercado na cidade de Porto Alegre e, trabalhando no interior dele, quais as suas percepções a respeito das realidades e expectativas sobre a carreira. Os profissionais de educação física tem construído uma carreira nesse mercado de academias? Que tipo de trajetória? Eles permanecem ou há evasão? Como são estabelecidos os vínculos com os estabelecimentos?

Se é possível compreender que o mercado de academias, pelo seu ‘aquecimento’, se coloca como um importante lugar de geração de renda e de trabalho para os profissionais de educação física, foi muito significativo construir uma trajetória de pesquisa em torno desses questionamentos apontados acima. Desenvolvi essa trajetória não no sentido de analisar o mercado a partir da suas dinâmicas de ofertas e de demandas, dos serviços diretos e indiretos, da comercialização de equipamentos, roupas, acessórios, roupas, suplementos, etc., até porque, em certa medida, isso já está sendo tratado no trabalho de Azevedo (2009). O enfoque desta pesquisa foi colocado nas relações de trabalho e, sobretudo, nas percepções de carreira dos profissionais que estão inseridos no mercado das academias.

---

<sup>4</sup> Dados obtidos no CREFRS (2017).

## 2 PERCEPÇÕES E INTERROGAÇÕES SOBRE RELAÇÕES EMPREGATÍCIAS NAS ACADEMIAS

Trabalhando na área de Educação Física, mais precisamente no mercado de academias de ginástica, clubes e afins, pude notar distinções dos estabelecimentos no que diz respeito ao vínculos empregatícios. Nesse contexto, não é preciso muito esforço para encontrar diversos professores/instrutores trabalhando com salários aquém do esperado, por estarem inseridos ‘numa cultura’ na qual a premissa é: “O salário é baixo? Lá fora tem quem queira”. Obviamente a fala pode não ser tão direta como aqui exemplificada, mas é sabido – nesse mercado de trabalho específico – que o pensamento do empregador pode certamente ser esse.

Com alguns anos de atuação nesse universo percebi que mesmo que se alcance a ‘plena estabilidade’ dentro de uma academia, é necessário considerar que se trata de um mercado é marcado por sazonalidades e crises econômicas, podendo facilmente ter o quadro revertido e tornar-se instável novamente. Com isso, quero dizer que vivenciei fluxos de ‘altos’ e ‘baixos’ nessa área de negócios, o que impacta diretamente nas relações empregatícias entre empregadores e empregados. Estive diante de realidades com diversos tipos de informação. Alguns delas foram úteis, outras incompletas, mas também cenários de constante mudanças. Como outros mercados ou profissões, fui percebendo a importância da adaptação às incertezas de demanda e instabilidade das empresas, as quais, por sua vez, organizam suas demandas de trabalho em consequência da percepção do mercado.

A imagem que fui construindo desse cenário de trabalho envolve, de um lado, as academias e seus proprietários procurando manter colaboradores com o menor custo possível, mas ainda assim exigindo deles acréscimos de eficiência e de produtividade. De outro, os profissionais de Educação Física implicados em alta rotatividade nos empregos, baixos salários e dificuldades quando se trata de qualificação. Ou seja, aquela noção de pleno emprego, com segurança da carreira, esta regulada pelo Estado que caracteriza um modelo de bem estar-social (CUNHA, 1979) fica distante da representação que pude apreender trabalhando no setor *fitness*.

Apesar da existência e consolidação de uma formação superior, mesmo sendo recente o maior enfoque no setor *fitness*, percebo que ainda há uma série de desafios a serem enfrentados. Um deles é a informalidade que, segundo Cunha (1979, p. 43),

pode ser representada através da seguinte analogia: “o setor informal é como uma girafa: difícil de descrever, mas fácil de reconhecer”. Se, no mercado formal estariam os trabalhadores regularizados, com carteira assinada e respeitando as legislações trabalhistas, e no informal seriam os que não possuem tais direitos (CAMARGO, 1989).

Nas redes sociais que tenho acesso, atualmente, consigo observar grande oferta de empregos na área de academias de ginástica e não são raros os anúncios que contém o item “com carteira assinada” como se fosse um diferencial de contratação, uma vantagem ao trabalhador. Com base nesse tipo de anúncio corriqueiro, fui consolidando a compreensão de que as academias se encaixam muito mais no perfil informal do que o outro.

Granovetter (1995), ao tratar das medidas de oferta de empregos, trouxe a distinção de três formas para se apresentar as oportunidades de trabalho: elas podem ser feitas via meios formais (propagandas, agências atuando de forma ativa na captação de pessoas e etc.), contatos pessoais e contato direto com a organização. Fazendo um paralelo dessas formas com aquilo que tenho notado no setor *fitness*, observo que uma grande quantidade deles têm sido feitos em redes sociais (*Facebook, Instagram*, por exemplo). Nelas, coletam-se os possíveis colaboradores e marcam uma visita à academia para uma breve entrevista. Pelas próprias redes sociais pude perceber que na maioria dos casos os planos de contratação são feitos diretamente com o proprietário ou com o responsável técnico da academia. Poucos casos contam como uma equipe de Gestão de Pessoas, Recursos Humanos ou algum setor do tipo.

Granovetter (1995) em seu trabalho ainda levanta de forma enfática a importância de o colaborador e a empresa darem mais atenção à formação de carreiras e contratações, às maneiras que as pessoas adquirem uma rede de contatos dentro do local de trabalho e o impacto das suas primeiras ações no longo prazo. Dito isso, em um mercado onde quase não há especialidade em contratações e/ou formação de carreiras (que será discutido mais à frente), fica a questão duvidosa sobre permanência de longo prazo e a caracterização cada vez mais estabelecida de um mercado informal.

Em relação aos tipos de relações empregatícias em geral, Noronha (2003) explica que os modelos de mercado formais vêm perdendo espaço para o que pode ser considerado um problema social e socioeconômico: o mercado informal.

Atualmente, dentro do significado popular no Brasil, ter carteira assinada é tido como trabalho formal e sem carteira assinada o trabalho informal. Cabe ressaltar que, conforme a economia foi se desenvolvendo, a partir da década de 1990, a informalidade tem crescido razoavelmente.

De acordo com Noronha (2003) o conceito vinculado à informalidade vai além da que remete a um subemprego, mas ainda como uma atividade periférica não rentável. Contudo, a interpretação da formalidade e informalidade nos termos juristas é vista rigorosamente apenas como “legal” ou “ilegal”. Dessa forma, podemos perceber as relações de trabalho com três pares contrastantes de conceitos: formal e informal, legal e ilegal, justo e injusto.

Dentro dessa perspectiva, como podemos caracterizar o mercado de academias? Esta interrogação deve levar em consideração que estamos falando de um mercado que cresce vigorosamente e que está ‘aquecido’, inclusive no município de Porto Alegre, tal como retratei no capítulo anterior. Também deve considerar que somente no ano de 2016 foram realizados 1173 registros de profissionais, sendo que a estimativa do CREFRS é de que haja mais de 20 mil profissionais graduados que exercem atividades competentes ao bacharel (aqueles que podem ser ‘habilitados’ para o trabalho nas academias).

Com este número de profissionais e de empresas em atividade tenho notado a abertura de novos negócios, inclusive o crescimento do trabalho autônomo. Observei, nos últimos anos, a abertura de academias de pequeno porte e de estúdios (modalidade referente a uma microacademia, onde se exerce atividades com público reduzido) que, não raramente, vínculos informais com os colaboradores, alegando ter ‘boas razões’ para não regularizar a situação, como por exemplo, dificuldades financeiras. Esse tipo de contrato pode ser visto como justo se o colaborador entender a situação do empregador, mas injusto se ele percebe que a informalidade é um meio de gerar maior margem de lucros para a empresa. Assim, o mesmo contrato informal pode ser visto como justo ou injusto.

Mesmo com os riscos e as incertezas de ações na justiça do trabalho, o raciocínio comum observado opera com a lógica de que o custo de um colaborador informal é menor do que um formal, que o salário pode ser ampliado e renegociado em troca da dispensa dos benefícios legais (perceber a ligação inerente de formalidade-legalidade) atribuídos ao colaborador. Na realidade de Porto Alegre onde a concorrência é acirrada, noto que os prestadores de serviço (sejam eles *personal*

*trainers*, professores de musculação, natação e etc.) idealizam um contrato de carteira assinada que pudesse ter a intensidade e os benefícios do trabalho autônomo, mas que não fosse visto como um subemprego de contrato informal.

Essa informalidade foi tomando maiores proporções quando a atuação como *personal trainer* passou a se popularizar e atingir diversas camadas sociais, o que antes era significado de um *status* social, alcançado por poucos na sociedade. Isso propiciou ao profissional de Educação Física uma atuação mais abrangente (DOMINGUES FILHO, 2006), fazendo com que as formalidades das contratações fossem ficando de forma secundária, já que a remuneração do *personal trainer* passa a ter maior significância a interesse pelos profissionais da área.

Atuando e aprendendo nesse cenário de empregos e de relações empregatícias de Porto Alegre (um mercado 'aquecido'), construindo a percepção que procurei retratar acima, passei a me questionar como estão se desenvolvendo as carreiras dos profissionais de Educação Física? Como esses profissionais percebem o mercado de trabalho no setor *fitness* em Porto Alegre? Como percebem a realidade das suas carreiras e, além disso, quais são as expectativas que eles nutrem em relação ao futuro?

### 3 MODELOS DE CARREIRAS E PROBLEMA DE PESQUISA

Foram interrogações como as mencionadas no final do capítulo anterior que me levaram a direcionar esta investigação para as carreiras profissionais, em especial para a construção de percepções sobre as realidades vividas e as expectativas futuras.

A noção de uma formação de carreira começou a se mostrar mais aparente a partir do século XIX, onde associada a um aumento considerável das indústrias e de um mercado predominantemente capitalista, quando as pessoas passaram a se organizar no trabalho de forma que seus méritos fossem percebidos e assim pudessem ganhar espaço na hierarquia das empresas (CHANLAT, 1995).

A etimologia de carreira, de acordo com Martins (2001), é de origem latina e significa *estrada rústica para carros*, mas no conceito atual é vista como uma estrada no sentido de trajetória, neste caso, da vida profissional, remetendo a uma progressão/ascensão dentro de um ofício.

Há algumas décadas, os incrementos dentro da carreira do indivíduo passam a ser de interesse da organização. Isso porque a retenção de capital humano qualificado passa a ser um dos alvos das práticas de gestão de pessoas. Se o indivíduo consegue perceber melhores condições e rendimentos dentro da empresa, é porque ela provavelmente também obteve melhores números (CHANLAT, 1995). De certa forma, a carreira passa a ser vista também como uma sequência indefinida de experiências de trabalho, como se fossem ministérios que a pessoa pode vivenciar e agregar conhecimento ao longo de sua trajetória profissional (MARRAS, 2000).

Percebi que, no universo das academias, há profissionais que têm grandes expectativas de fazer sua carreira de forma segura, nas conformidades dos modelos tradicionais, mas que ao mesmo tempo nutrem vontades de construir sua carreira de forma autônoma, atuando exatamente onde e como acham que é o ideal para a busca do próprio sucesso. Mas nesse mercado que tenho vivenciado fica a questão de como garantir uma lealdade entre o colaborador e a academia visto que tanto a dedicação quanto a garantia do emprego são instáveis?

Oltramari (2010) defende que o colaborador pode planejar com maior liberdade sua trajetória profissional juntamente com a vida pessoal quando consegue transferir

sua carreira de organizacional para individual. Este relato apenas traz a questão de maior liberdade de escolhas, não colocando uma maneira ou outra como sendo melhor opção. A autogestão de uma carreira, onde é possível considerar tanto o gestor como o indivíduo, está mais aparente na sociedade contemporânea por poder proporcionar mais mudanças e flexibilidade dentro da trajetória profissional, visto que hoje as possibilidades de atuação no mercado da Educação Física podem aparecer das mais diversas formas.

A partir deste ponto, pretendo abordar modelos de carreiras profissionais recorrentes na literatura relacionando-os à realidade do mercado de academias, tal como observado. Tentarei esclarecer diante de um embasamento teórico que a trajetória muitas vezes traçada pelos profissionais pode se encaixar em um modelo já previsto. Farei isso a partir das aprendizagens desenvolvidas na trajetória profissional no setor *fitness*, retratando ora situações concretas observadas, ora conjecturas possíveis. Não que exista a necessidade de uma nomenclatura, mas sim de proporcionar, com mais clareza, a noção de que o profissional não está necessariamente sem foco no mercado.

### **3.1 Modelos de carreiras profissionais**

Inicialmente apresento modelos de carreiras profissionais que se desenvolvem fortemente nas pautas das organizações (3.1.1 a 3.1.5). Na sequência (3.1.6 a 3.1.8) descrevo carreiras predominantemente individuais, nas quais o colaborador consegue gerenciar suas opções para o que melhor se encaixar em sua trajetória profissional.

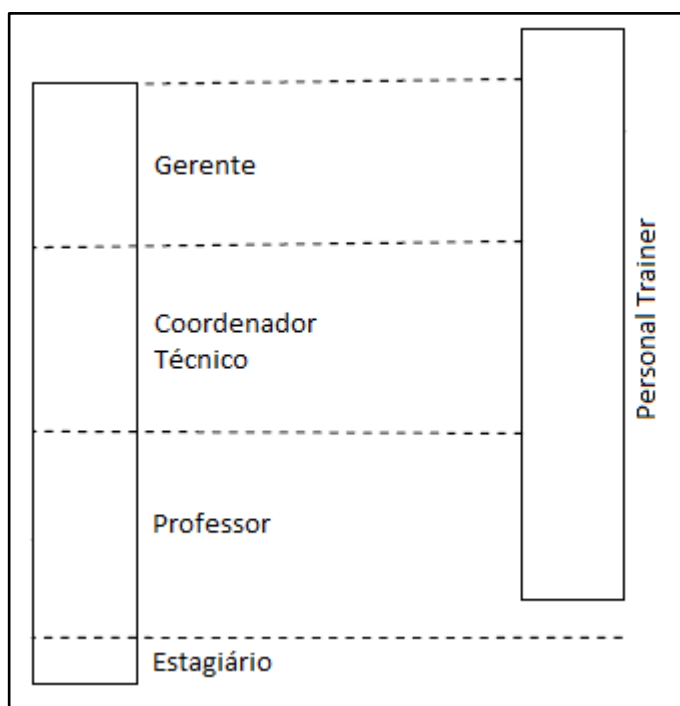
#### *3.1.1 Carreira paralela*

É muito comum se encontrar tipos de carreiras paralelas dentro das organizações, já que ela possibilita trajetórias alternativas. O colaborador pode assumir posições tanto na questão organizacional quanto técnica dentro da empresa.

Dutra (1996) define que, nessa situação, a sequência de posições que a pessoa pode alcançar dentro da hierarquia da empresa pode ser em duas direções: uma de natureza profissional e outra gerencial. Em qualquer um dos casos é possível atingir altos níveis de reconhecimento e de remuneração oferecidos pela empresa. As carreiras paralelas podem ser do tipo totalmente paralelas, em Y ou múltiplas.

Dentro das academias de musculação é comum percebermos colaboradores de nível gerencial que atuam de forma paralela como *personal trainers*, por exemplo. Por *personal trainer* podemos entender, conforme Domingues Filho (2006) como um profissional de Educação Física que, baseado em um programa particular, respeita a individualidade biológica de seu aluno, prepara treinamentos específicos, realizados em horários específicos e preestabelecidos, para proporcionar com segurança um condicionamento físico adequado, seja para finalidades estéticas, reabilitação ou manutenção da saúde. Nesse caso, apesar de a carreira paralela possuir uma estrutura de perfil mais individualizada do que organizacional, ela ainda possui um vínculo forte com a empresa, visto que ambos trabalham com o mesmo cliente. Uma ilustração desse modelo de carreira está na figura 1.

**Figura 1** - Exemplo de carreira paralela entre nível gerencial e técnico



Fonte: Elaborado pelo próprio autor em adaptação ao trabalho de Dutra (1996)

### 3.1.2 Carreira em Y

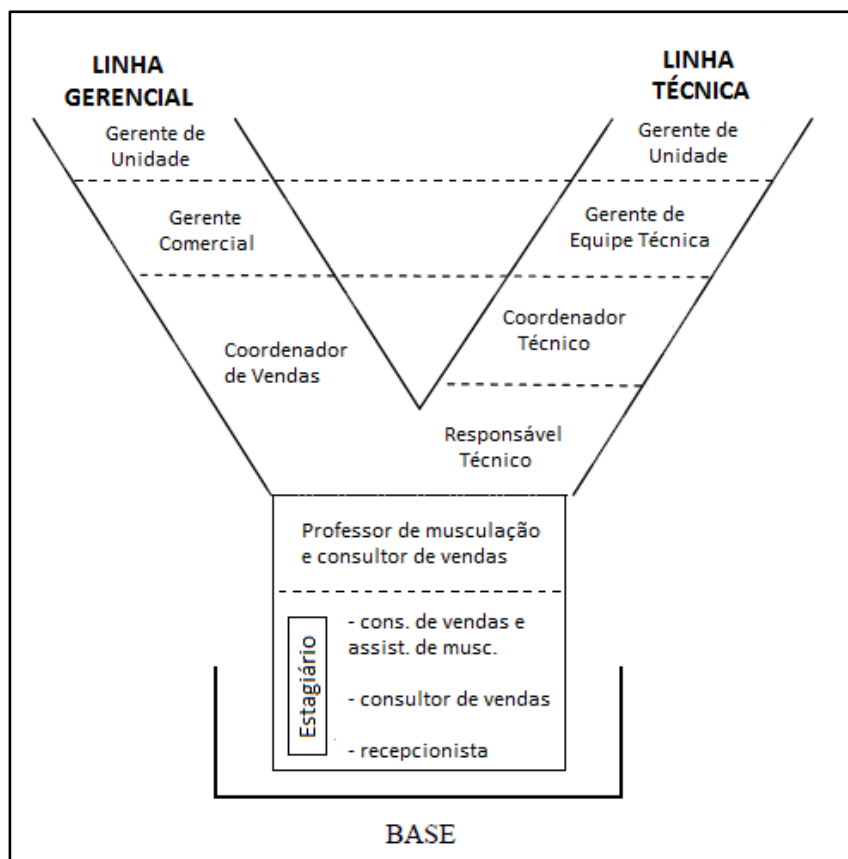
Com o objetivo de poder desenvolver um colaborador tanto na dimensão técnica quanto na gerencial, as carreiras de tipo Y possibilitam que ele possa se especializar em determinada área tendo a mesma base do que o colaborador que se especializou em outra. Dutra (2010) define que na direção de especialidade



técnica/funcional disponibilizada pela empresa, o objetivo é estimular e captar talentos específicos. Já na direção gerencial, o objetivo é buscar a liderança de equipe dentro da organização.

O tipo de carreira em Y é comum, mas não exclusivo, de ser visto em academias de pequeno/médio porte, onde existem mais funções a se desempenhar do que o número de colaboradores. Por esse motivo é comum percebermos um novo nicho de iniciação no mercado para estudantes de educação física: a área comercial. Quando o cliente se depara com um consultor de vendas com um bom embasamento argumentativo para que se explique os caminhos que serão trilhados para o seu objetivo, a conclusão da venda acaba sendo facilitada, visto que a firmeza da informação prediz segurança e seriedade. Dessa forma, o estágio de educação física pode ser iniciado na área comercial (recepção/vendas) e migrar para a área técnica, conforme as habilidades forem sendo aprimoradas (exemplo da Figura 2)

**Figura 2** - Exemplo de carreira em Y.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor. Adaptado de Dutra (1996)

### 3.1.3 *Carreira múltipla (e Carreira em W)*

O tipo de carreira múltipla é caracterizado basicamente por ter uma permeabilidade entre diferentes trajetórias escolhidas pelo colaborador. Apesar de ainda existir poucos estudos sobre este conteúdo em específico, vale salientar que entre a carreira em Y e a múltipla, existe uma outra opção: a carreira em W. Esta não será destacada como um item deste trabalho justamente por ser ainda indefinida quanto às suas conceituações. Ela pode ser vista simplesmente como uma opção a mais do que a carreira em Y, já que em alguns casos o profissional pode não se encaixar diretamente como gestor ou técnico (e.g.: coordenador de projeto), ou ainda em organizações de gestão mais sofisticadas, pode haver não três, mas até mais de 10 opções de trajetórias possíveis. Neste caso a letra W passa a não fazer mais sentido, e adota-se a nomenclatura de carreiras paralelas múltiplas. (SEGALA, 2015)

De acordo com Dutra (1996), o topo dos eixos profissionais deve ter o mesmo nível de importância que o elo gerencial, para que a estrutura ofertada tenha legitimidade e conseqüente valorização dentro da empresa. Este é um dos principais motivos que a implementação de carreiras em W caiu em desuso, pela dificuldade de assegurar que cada uma das três trajetórias tenha cargos com mesmo nível de equivalência.

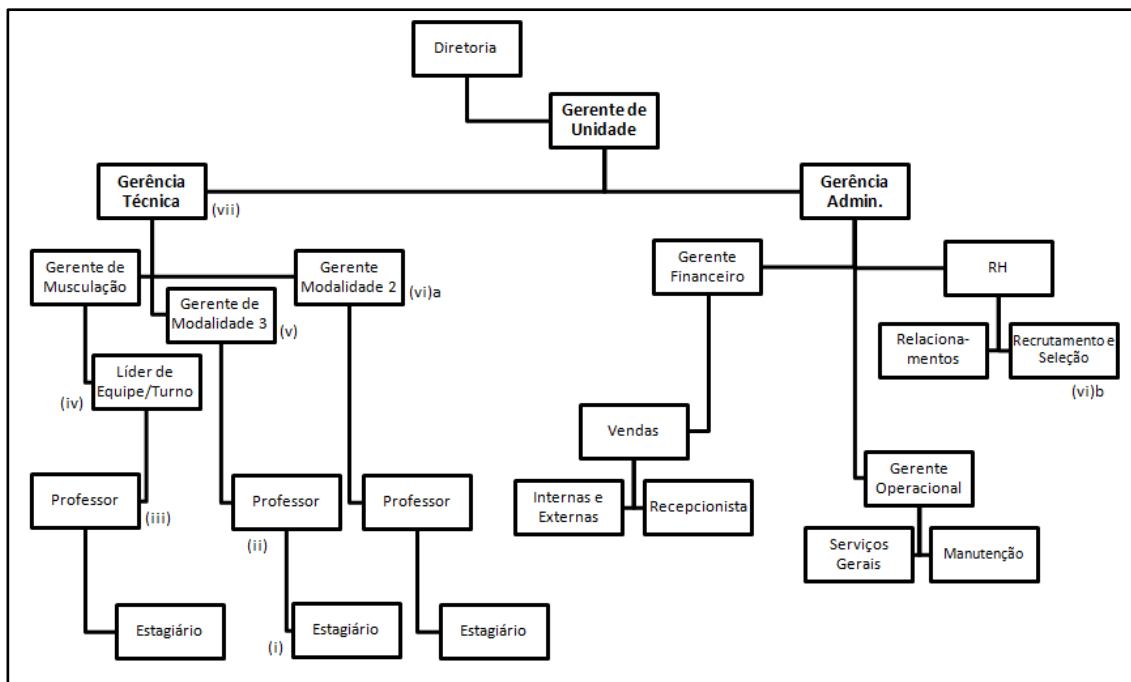
### 3.1.4 *Carreira em rede*

É o tipo de carreira onde a sua estrutura organiza-se proporcionando ao colaborador diversas opções de ascensão para cada posição da organização. Para que seja legítima, a empresa precisa ter seus critérios de trajetória previamente definidos, para que o colaborador possa traçar uma carreira dentro da empresa já sabendo os passos que serão dados futuramente (DUTRA, 1996). Neste caso onde a empresa consegue ofertar ao colaborador essas condições, ela consegue de certa forma otimizar funções de recrutamento, seleção e treinamento, pois não é necessária a contratação de especialistas, já que outras pessoas de áreas distintas poderiam vir a preencher o espaço requerido.

Dentro de academias de grande porte onde existe um grande número de colaboradores e, por conseqüência, uma variabilidade de gerências, é comum que seja admitido um profissional com diversas competências técnicas pelo seu histórico

de mercado. Neste caso, ele pode trilhar uma carreira dentro da mesma empresa mas passar por diversas áreas, inclusive as de competências administrativas, como exemplificado na figura 3.

**Figura 3** - Exemplo de carreira em rede



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

No exemplo dessa figura, criei um organograma fictício (mas próximo do que se encontra no mercado) de uma academia de grande porte. Propus uma trajetória que foi iniciada em um estágio na modalidade 3 (i), sendo efetuado como professor (ii), migrando para a modalidade de musculação (iii) e se tornando líder de equipe (iv). Retorna para a modalidade 3 no cargo de gerente (v) e logo em seguida – seja por necessidade da organização ou desejo do próprio colaborador – ele assume a gerência da modalidade 2 (vi-a) e também auxilia os processos de recrutamento e seleção do setor administrativo (vi-b), acendendo ao cargo de gerente técnico (vii) no final da nossa simulação.

### 3.1.5 Carreira linear

A carreira linear é tida como a base da abordagem tradicional, onde o indivíduo almeja uma progressão linear e vertical, com certa estabilidade dentro do emprego,

sendo comum este tipo de trajetória até a década de 1970 (CHANLAT, 1995). Nessa perspectiva há a percepção de que a organização deve assumir a responsabilidade sobre a carreira de seus colaboradores, pois neste caso ela que permitiria o acesso aos cargos mais elevados na hierarquia, sendo este um dos meios de se “medir” o quão alto se chegou na carreira.

Um contraponto à carreira tradicional linear é o modelo de carreira proteana, onde o indivíduo dirige suas escolhas e constrói sua própria trajetória não estando atrelado diretamente à empresa. Para Hall (1996), as carreiras no século XXI serão predominantemente proteanas.

A carreira linear possui um objetivo claro onde o colaborador ao entrar na vida profissional já sabe exatamente as posições que poderá atingir, visto que estas estão em linha e não há outras opções. Lerner (1991) define a carreira linear como aquela em que o indivíduo é motivado pela necessidade de realizações. Já que a clareza do objetivo e a hierarquia em linha deixam bem claro quem tem o poder de decisão.

Este tipo de carreira é facilmente encontrado por ser um dos mais simples de se controlar. Nela o indivíduo é subordinado às determinações da empresa, onde há certa margem de flexibilidade que serão administradas para elevação do cargo. Lerner (1991) ainda ressalta que nesses casos existe uma centralização de decisões e da voz de comando, podendo levar à perda de controle em casos de exagero.

### 3.1.6 *Carreira sem fronteiras*

Scalabrin (2008) define que neste tipo de carreira, o indivíduo buscando seu próprio desenvolvimento e realizações, consegue transitar pelas fronteiras que se separam diferentes organizações e funções. Seu valor é dado pelo conhecimento agregado e sua rede de relacionamentos, sobre os quais pode agregar valor à empresa em que esteja prestando serviço. Essa mobilidade pode exigir mudança de residência, além disso, envolve todo o contexto psicológico de estar aberto a não ter um local fixo por muito tempo e também da capacidade de realizar essas mudanças, visto que isso pode afetar os laços de relacionamentos criados em cada local.

Esse é um tipo de carreira totalmente volátil, que surgiu quando se notou a necessidade de deslocamento de pessoas especializadas dentro do mercado de trabalho para justamente manter a empresa apta dentro da competitividade econômica, social e organizacional (VELOSO, 2009).

### 3.1.7 *Carreira caleidoscópica*

Relacionada a um caleidoscópio, que a cada movimento assume uma nova combinação, esse é o modelo de carreira vivenciado principalmente pelas mulheres, onde o contexto de sua vida pessoal é levada em conta para as tomadas de decisão dentro da carreira. Este modo de carreira prevê dinamismo e adaptação aos movimentos encontrados pela trajetória.

As carreiras tornaram-se caleidoscópicas quando as mulheres passaram a trabalhar tanto dentro como fora das organizações, buscando conciliar as necessidades de suas carreiras com as necessidades de sua vida pessoal (VELOSO; DUTRA, 2010). Diz-se aqui que a predominância é das mulheres visto que muitas vezes são elas que interrompem suas carreiras em prol de questões familiares. Não querendo dizer que essa interrupção seja o fim de uma carreira, mas sim deve ser visto como uma nova forma de fazê-la, podendo estar de acordo com as prioridades de sua vida pessoal.

### 3.1.8 *Carreira proteana*

A denominação proteana origina-se da mitologia grega, na qual Proteus tinha a habilidade de mudar de forma conforme fosse sua vontade. Relacionada a essa visão considerada mais moderna e individualizada de carreira, as pessoas podem ser capazes de assumir os rumos da sua trajetória profissional, tomando as decisões necessárias sobre seus destinos. Desse modo deixam de criar grandes expectativas com a ascensão da carreira pela organização, pois sabem que é praticamente nula a responsabilidade de progressão de carreira do colaborador pela empresa.

Para Oltramari (2010), existe uma clara diferença entre os modelos tradicionais e os modernos de carreira: no primeiro, os contratos psicológicos são baseados na fidelização e lealdade entre a empresa e o colaborador, visto que este espera que a organização seja a responsável pela sua carreira. No segundo caso, os contratos psicológicos são firmados com o próprio indivíduo, onde ele assume um compromisso de ascensão consigo mesmo, manifestando o autocontrole. Nesse processo a carreira é dirigida pelo indivíduo, exigindo seus próprios aprimoramentos e incrementos de competências necessárias para seu sucesso.

Hall (1996a) afirma que na carreira proteana devem ser levadas em consideração três áreas de expressão do indivíduo: a área pessoal, familiar e profissional, sendo que cada uma delas desempenha papéis diferentes na percepção e avaliação das mudanças dentro da carreira. Cada uma dessas áreas impacta de forma diferente na carreira, levando ao mesmo objetivo final: aprendizado, sucesso psicológico e expansão da identidade.

Veloso (2009) diz que este tipo de carreira prevê certas características, como: mudanças frequentes, autoinvenção, autonomia e autodireção, assim como habilidades para aprender, para construir relações e para redirecionar a carreira e a vida pessoal. Neste contexto de aprendizagem para a própria expansão, o sucesso deixa de ser consequência direta do *know-how* e passa a ser o *learn-how*, onde cada estágio ou ciclo dentro da trajetória permite ao indivíduo novos e constantes aprendizados para a busca do seu sucesso.

### **3.2 Problema e objetivos de pesquisa**

Ao longo dos capítulos anteriores, apresentei dados e problematizações sobre o mercado e o trabalho em academias, trazendo conceitos que tratam das relações empregatícias ao mesmo tempo em que pude descrever percepções construídas ao longo da minha carreira profissional nesse universo. Neste capítulo, procurei aproximar tais percepções aos modelos de carreiras profissionais descritos pela literatura, o que me colocou diante da necessidade de investigar as percepções desenvolvidas por profissionais de Educação Física que atuam no mercado das academias (universo *fitness*), estes com trajetórias diferentes.

Nesse contexto que retrata uma trajetória profissional, estudos e questionamentos sobre o mercado das academias, as relações empregatícias e as carreiras profissionais é que formulei o seguinte problema de pesquisa: Como profissionais de Educação Física, em diferentes momentos de suas trajetórias, se inserem no mercado de trabalho nas academias na cidade de Porto Alegre e quais suas percepções sobre a realidade e a expectativa de carreira no interior dele?

### 3.2.1 *Objetivo geral*

Com este problema de pesquisa em evidência nos horizontes da pesquisa, o objetivo geral da pesquisa foi analisar como profissionais de Educação Física, em diferentes momentos de suas trajetórias, se inserem/inseriram no mercado de trabalho nas academias na cidade de Porto Alegre e quais suas percepções sobre a realidade e a expectativa de carreira no interior dele.

### 3.2.2 *Objetivos específicos*

Diante desse objetivo geral, a investigação foi desenvolvida a partir de 03 objetivos operacionais (específicos). São eles:

- Conhecer como os profissionais de Educação Física se inserem/inseriram no mercado de trabalho nas academias na cidade de Porto Alegre;
- Descrever as percepções e as expectativas que profissionais de Educação Física, em diferentes trajetórias de suas inserções, produzem no interior no mercado de trabalho nas academias da cidade de Porto Alegre; e
- Apresentar uma proposta na forma de conjectura de um modelo de carreira que tem se constituído nas trajetórias de carreiras dos profissionais de Educação Física no mercado de trabalho nas academias da cidade de Porto Alegre.

## **4 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção do trabalho apresento algumas definições metodológicas do estudo, desde a caracterização, passando pelas escolhas dos interlocutores, pelos processos de produção de informações, até a apresentação dos modos de análises e de interpretações.

### **4.1 Caracterização da pesquisa**

A investigação proposta aqui tem um delineamento qualitativo. Isto significa, segundo Flick (2004), que se trata de um estudo que envolve a busca de compreensões contextualizadas social e culturalmente. Para este autor, a pesquisa qualitativa tem alguns aspectos peculiares. O primeiro o autor chama de apropriabilidade de métodos e de teorias, afirmando que a importância de não se fechar em modelos pré-estabelecidos, mas buscar modos de investigação e referências conceituais-teóricas que forem sendo necessárias. O objeto de estudo é determinante na definição dos modos de investigação. No caso da presente pesquisa, o objeto de investigação diz respeito as inserções no mercado das academias de Porto Alegre e as percepções sobre a realidade e a expectativa de carreira profissional.

O segundo aspecto sublinhado por Flick (2004) se refere ao interesse pela diversidade e pela perspectiva dos colaboradores do estudo, isto é, para os significados construídos num determinado universo de relações sociais e culturais. O terceiro diz sobre a reflexividade do pesquisador, ou seja, da importante atitude de reconhecer que a produção do conhecimento se dá na relação do pesquisador com os colaboradores e com o próprio objeto de estudo. Isso, em certa medida, foi explicitado ao longo dos capítulos anteriores, no sentido de marcar como a minha trajetória trouxe ao conjunto de interrogações e ao objeto da pesquisa.

A abordagem ao objetivo de pesquisa será exploratória. Tal como explica Gil (2007), esse tipo de abordagem ao objetivo da investigação significa que o estudo desenvolvido busca uma maior familiaridade com o problema, procurando construir hipóteses acerca do objeto investigado. Isso se afirma diante do terceiro objetivo específico, que aponta como propósito a apresentação de uma proposta (na forma de



conjectura) de um modelo de carreira, isso com base no processo analítico-interpretativo desenvolvido.

## 4.2 Colaboradores da investigação

Para buscar os profissionais de Educação Física inseridos no mercado de academias de Porto Alegre, que foram os colaboradores do estudo, tomei como parâmetro, inicialmente, uma caracterização apresentada por Bertevello (2003) para as tipologias de tamanho de academia. A classificação é a seguinte:

- Micro: opera com até 5 profissionais de educação física e oferece apenas uma modalidade. Comporta em média até 150 alunos.
- Pequena: opera com até 12 profissionais de educação física e até 6 colaboradores para outras funções. Oferece de uma a duas modalidades e atende em média até 350 alunos.
- Média: opera com até 15 profissionais de educação física e até 12 colaboradores para outras funções. Pode apresentar estacionamento, limpeza e outros serviços como forma de terceirização. Oferece pelo menos 3 atividades e comporta em média até 500 alunos.
- Grande: opera com cerca de 60 colaboradores de modo geral, costuma terceirizar diversos tipos de serviço e oferece pelo menos 4 modalidades. Atende públicos de 900 alunos ou mais.

Além dessas categorias, considerando a minha experiência dentro do mercado de trabalho em Porto Alegre, me pareceu importante investigar outros dois tipos de espaço/forma de atuação:

- Estúdio: opera com um ou dois profissionais, estes exercem todas as funções necessárias para o funcionamento do local. Oferece uma modalidade e opera com horários marcados e público reduzido.
- Autônomos: profissionais que não se limitam a um único local. Podem atuar em locais públicos, residências e dentro de outras academias quando contratados diretamente pelo cliente. Exercem trabalho exclusivo e podem oferecer mais de uma modalidade (ex.: *Personal trainer* que atua com aulas de musculação e de corrida).

O propósito foi o de buscar profissionais que, nas suas trajetórias, tivessem estabelecido vínculos com pelo menos uma dessas distintas formas de organizações. Para que o contato com os interlocutores fosse desenvolvido nas organizações foi firmado, previamente, um termo de colaboração com o estabelecimento, no qual o dirigente/responsável pela empresa indicou sua concordância quanto a realização da pesquisa. Um modelo desse termo está disponibilizado no Apêndice 1.

Mas não foi apenas o tipo de organização que orientou a minha escolha dos colaboradores. Tendo em vista que o objetivo geral e os específicos demandam a investigação com profissionais de Educação Física em diferentes momentos de suas trajetórias, optei por buscar:

- Profissionais ainda na fase de suas formações iniciais, mas que realizam estágios em academias e/ou outras organizações (estúdios/autônomos);
- Profissionais que já passaram pela formação inicial e que recentemente se inseriram no mercado de academias; e
- Profissionais que já estão no mercado de academias há vários anos, preferencialmente aqueles que vivenciaram diferentes contextos organizacionais.

Tomando o conjunto de definições acima, selecionei uma academia que estava disposta a me indicar um profissional para a entrevista inicial. Este profissional foi tido como um interlocutor-chave, visto que a partir dele tive indicações de outros colegas que atuavam em outros tipos de academia ou até na mesma, sempre seguindo na ideia de discutir e entender de forma mais abrangente as variabilidades apresentadas no mercado atual. Inicialmente, tive contato com 04 interlocutores-chave, a partir dos quais a rede de contatos foi se ramificando tentando diversificar as trajetórias profissionais como também o espaço de trabalho, logo, não menos importante foi o entendimento de que os dados produzidos apenas possam ser interpretados a partir do contexto de relações culturais e sociais específicos.

A partir dos primeiros interlocutores foi solicitado que estes indicassem outros e, dessa forma, o número de colaboradores foi ampliado. Isso ocorreu até o momento em que se observei a recorrência das mesmas informações, indicando um efeito de saturação das informações. Foram entrevistados, ao todo, 10 profissionais, os quais serão apresentados com mais detalhes no próximo capítulo. Mas, já cabe salientar que os nomes foram trocados com o intuito de manter o sigilo de cada interlocutor,

não expondo-o a nenhum tipo de constrangimento ao fornecer informações nesta entrevista.

### **1.3. Processos de produção de informações e questões éticas**

O processo de produção das informações com os interlocutores esteve baseado, fundamentalmente, na realização de entrevistas semiestruturadas. O uso desse tipo recurso, na presente investigação, foi fundamentado no entendimento de que um conjunto de questões básicas foi apresentado como roteiro (Apêndice 2), mas a partir das respostas outras possibilidades foram construídas e reconstruídas, sempre buscando ficar no entorno do problema de pesquisa e das questões norteadoras. As questões que denominei de básicas foram construídas a partir das demandas do objetivo geral e dos objetivos específicos.

Os colaboradores seguiram espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo pesquisador e, assim, participaram na elaboração do conteúdo da pesquisa. Gaskell (2007) afirma que este modo de investigação apresenta dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, sendo objetivo importante uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

As entrevistas foram gravadas a fim de contar com todo o material fornecido pelo interlocutor. Segui todos os pontos ressaltados por Triviños (2007), o qual diz que o investigador deve estar convencido da necessidade de desenvolver durante a entrevista todos os elementos humanos que permitissem um clima de simpatia, confiança, lealdade e de harmonia entre o pesquisador e o entrevistado.

Para a realização das entrevistas foi estabelecido um primeiro contato. Nesse momento foram apresentadas as características básicas da investigação (problema e objetivos) e do tipo de colaboração desejada (entrevista). Aqueles que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3), no qual consta a identificação dos responsáveis pela pesquisa, os propósitos dela e os aspectos relativos ao uso das informações, dos cuidados para garantir o sigilo da identidade dos informantes. Cientes dos termos da participação, depois de assinarem o referido termo, os colaboradores selecionados foram entrevistados.

A realização do contato com as academias e a realização das entrevistas com os interlocutores foi apreciada previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS), registrada na Plataforma Brasil com o número 80768617.0.0000.5347. Esse Comitê aprovou a realização da investigação (Anexo 1).

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. No decorrer desta ação, foram produzidos ajustes textuais (correção de problemas gramaticais e supressão de vícios de linguagem), atentando para o fato de que tais modificações não alterem o sentido das afirmações. Neste trabalho, depois de todas as transcrições de entrevistas terminadas, relatei em forma narrativa como se deu cada diálogo, a fim de deixar mais claro para o leitor.

### **4.3 Processos de análises e de interpretações**

Com os textos das entrevistas em mãos, no decorrer do processo de análise e interpretação, foi utilizada a técnica de redução. Este exercício de transformação do texto em categorias analíticas representativas foi definido por Flick (2004) como um exercício analítico de redução. Para esse autor, trata-se de um resumo dos conceitos e conceitos genéricos, ou categorias e conceitos superiores. Com base nessas categorias-conceitos mais genéricos foi efetivado o exercício de interpretação da análise.

O processo analítico e interpretativo ocorreu da seguinte forma. No próximo capítulo (5), apresento descrições detalhadas de cada trajetória (1 a 10) sobre as inserções dos interlocutores no mercado de trabalho de academias de Porto Alegre, assim como suas percepções sobre a realidade e a expectativa de carreira profissional no interior dele. Essas descrições serviram de base para que, no capítulo 6, eu realizasse, efetivamente o exercício analítico de redução textual, fazendo isso com base em 4 categorias emergentes dos casos.

As categorias analíticas são: 1) Adaptabilidade para executar diversas funções no mesmo período; 2) A incerteza sobre o futuro da carreira; 3) A possibilidade de uma carreira paralela; e 4) A resiliência profissional da Educação Física. Para o exercício interpretativo nessas categorias foram buscadas interlocuções com outros trabalhos. A partir disso, tomando como referência o fato de que se trata de um estudo exploratório no que diz respeito ao seu objetivo, apresento no final uma proposta de

modelo de carreira profissional (na forma de conjectura, de hipótese que procurou um aproximação ao problema investigado).

## 5 TRAJETÓRIAS, REALIDADES E EXPECTATIVAS DE CARREIRAS

A construção narrativa – já com o propósito de desenvolver o exercício analítico de redução textual – está baseada numa noção de ramificação. Essa noção emerge do processo analítico, isto é, dos próprios dados sobre as inserções e sobre as percepções a respeito da realidade e da expectativa de carreira profissional. Cada um dos interlocutores terá sua inserção/realidade/expectativa ilustrada numa figura que é apresentada como recurso analítico.

A construção dessas ilustrações (de cada trajetória realizada e expectativa) foi realizada a partir de uma leitura temporal, tendo em vista uma base em direção a um topo ramificado, como se uma linha horizontal cobrisse toda a amplitude lateral do gráfico e fosse subindo, entendendo-se que todas as linhas diagonais que toquem essa linha horizontal representam o momento temporal da carreira.

Nesse sentido represento a percepção de realidade e de expectativa de carreira de cada profissional que participou como interlocutor. É válido explicar que se um profissional deixa de exercer uma função no passado e a retoma num momento futuro, não podemos considerar como uma “volta”, visto que o gráfico é de leitura temporal e também temos que considerar o aprendizado como construção individual, pois com o passar do tempo a experiência (sempre no caráter de ser somada sobre si mesma) prevê que a própria pessoa terá uma leitura diferente do mercado e da sua atuação, diferenciando-se do profissional que fora em outra época.

Além das linhas de desenvolvimento e da linha temporal horizontal, indico diferentes cores (azul, vermelho, verde, amarelo) e traços (contínuo e pontilhado) para que seja mais fácil de esclarecer a forma que o profissional (ou futuro profissional, caso seja estagiário) tem pensado ou construído sua carreira. As cores e traços indicam o seguinte:

- **Linha Azul: Estudos.** Refere-se a área acadêmica de modo geral. Seja ela como estudante de graduação, pós-graduação (*lato sensu* e/ou *strictu sensu*) ou qualquer outra atividade que relacione a pessoa como situação de estudante;
- **Linha Vermelha: Empreendedor.** Refere-se a todo e qualquer tipo de atividade que a pessoa esteja na situação de proprietário do seu negócio, coordenador, gerente, gestor ou qualquer atividade desse tipo. Trataremos aqui como atividade voltada mais para o ramo administrativo de suas funções;

- **Linha Verde: Bacharelado.** Representaremos aqui todo tipo de atividade que esteja relacionada exclusivamente ao que compete o bacharel em Educação Física a executar. Seja como professor de musculação, Pilates, ginástica e outras. Independente se atuar dentro do próprio negócio, de forma autônoma ou dentro de outra empresa/clube;
- **Linha Amarela: Licenciatura.** Refere-se a toda atividade direcionada à educação na função de professor, independentemente do nível (municipal, estadual, federal, universitário);
- **Linha Pontilhada: Expectativas.** Representa o simples fato da intenção, seja ela uma ideia profissional que ficou para trás ou que almeja buscar num tempo ainda presente ou futuro. Ela pode ser pontilhada dentro das cores citadas nos itens anteriores.

Realizadas as explicações sobre o primeiro movimento analítico desenvolvido, passo para a descrição de cada um dos interlocutores da pesquisa. Ressalto que, neste capítulo, essa descrição denota uma primeira parte da análise e que ela terá continuidade no capítulo seguinte, quando o processo passa a ser mais interpretativo.

### 5.1 Trajetória 01: Sabrina

Sabrina tem 28 anos, formada em Administração e atualmente cursa Educação Física na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), no currículo de licenciatura desde 2016. Seu envolvimento com a Educação Física se iniciou através do seu contato com a dança, pois era professora de dança do ventre e foi monitora de dança de salão durante muito tempo. Na dúvida entre cursar Dança ou Educação Física, acabou optando pela segunda, visando uma amplitude maior de possibilidades de mercado.

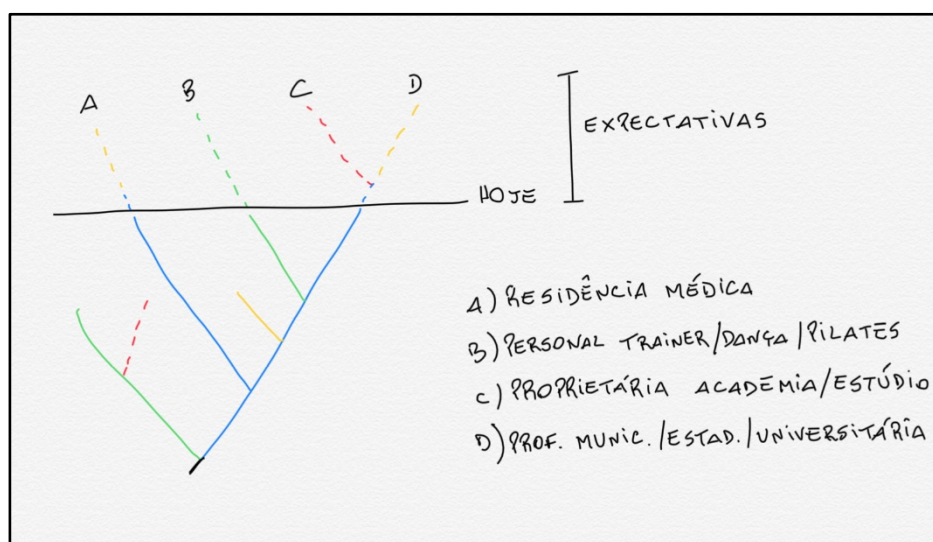
Sua ideia inicial, após formada, era abrir um estúdio de dança. Fez alguns estágios obrigatórios do currículo na área da licenciatura e hoje é estagiária de musculação em uma academia que faz parte de uma rede, além de ser aluna de mestrado. Sua percepção sobre a forma de como se dá o estágio hoje vai exatamente conforme ela já esperava: pouco suporte para adaptação do estagiário e também notou que o próprio estagiário é que faz a principal parte de atuação da academia. Poucos professores formados para acompanhamento dos alunos além de pouco

(quase nulo) período de treinamento para os novos estagiários. Não pretende trabalhar nesse ramo de atividade no futuro, mas considera importante ter este tipo de vivência para a sua carreira. Nota também que a remuneração deste mercado fica aquém dos seus objetivos.

Seu plano futuro para o início do mercado de trabalho logo que graduada (gradua-se em um ano e meio) é tentar ingressar diretamente na residência médica, mas também cogita trabalhar como professora municipal/estadual em escola caso surja a oportunidade de um bom concurso público. Numa perspectiva de futuro um pouco mais adiante, cogita até mesmo a ideia de ser professora universitária, motivo que a fez entrar no programa de mestrado. Afirma que seria interessante ter a estabilidade de um concurso para poder exercer outras atividades dentro da área com mais tranquilidade em relação a garantias de remuneração.

Após a licenciatura, pensa ainda em acabar a modalidade de Bacharel em Educação Física, já que possui habilitação para trabalhar com Pilates e pensa também em exercer alguma atividade nessa modalidade, cogitando ainda uma sociedade com o irmão, que também é formado em Educação Física. A pretensão salarial caso todo o planejamento se concretize, fica em torno de oito a dez mil reais. Acredita muito na renda combinada (concurso público, negócio próprio e autonomia de aulas avulsas). Pensa nessa combinação de renda porque nota que no mercado não são muitos personal trainers com idades que vão muito além de 40 e poucos anos.

**Figura 4** - Inserções, realidades e expectativas de Sabrina



Fonte: elaboração própria



## 5.2 Trajetória 02: Carolina

Carolina é estagiária de musculação em uma academia de pequeno porte, possui 22 anos e já cursou dois semestres de Arquitetura em uma faculdade particular. Durante esse início de faculdade, cogitou a ideia de cursar Nutrição, mas acabou tentando também o vestibular para Educação Física numa instituição federal e foi aprovada. Afirma que sempre gostou da área de treinamento, que esse foi o principal motivo para trocar de área como profissão, mas também para uso pessoal. Em relação a troca de curso, diz que *"tentar não custa nada. Tentei e ainda passei. Fiz sem acreditar muito, mas passei"*.

Quando ainda estava na escola julgava que a Educação Física não era uma boa área profissional a ser seguida, hoje tem uma ideia diferente disso. Faz a graduação em licenciatura e bacharel simultâneos, devido ao formato de currículo que era vigente quando ingressou pelo vestibular. Pretende atuar apenas na área de bacharel, principalmente no mercado de academias. Em relação aos estágios que já fez na área, salienta a diferença da forma que cada academia conduz os estagiários na questão aprendizado: passou por uma situação de estágio durante o segundo semestre de faculdade em que não teve nenhum tipo de instrução para atender alunos, seguiu apenas sua intuição proveniente de experiências prévias, tendo a impressão de ser "mais barato que um professor formado para fazer a mesma função". Fazia seis horas de estágio na mesma academia por dia, depois de seis meses teve a proposta de fazer oito horas, que foi negada pelo motivo de ser uma carga horária muito alta que conflitava com os horários de aula da faculdade. Percebe pela própria experiência e também pela percepção de colegas, que o estágio é movido primeiramente pela questão financeira do que pelo aprendizado. Diferentemente do local atual em que faz estágio, onde uma professora formada acompanha toda sua atividade e passa os conhecimentos necessários, ela diz que na maioria das academias que conheceu (ou que colegas comentam) o estagiário aprende por conta, quando há interesse de fato no aprendizado.

Quando questionada em relação a planos futuros logo após sua graduação, ela diz que ainda não sabe o que fazer. Pensa em dar aulas como *personal trainer* durante um tempo, depois talvez uma especialização ou ainda fazer algo relacionado à Nutrição, que é uma área de grande interesse. É notável este conflito entre áreas de graduação, tanto que a entrevistada afirma que só cursa educação física porque a

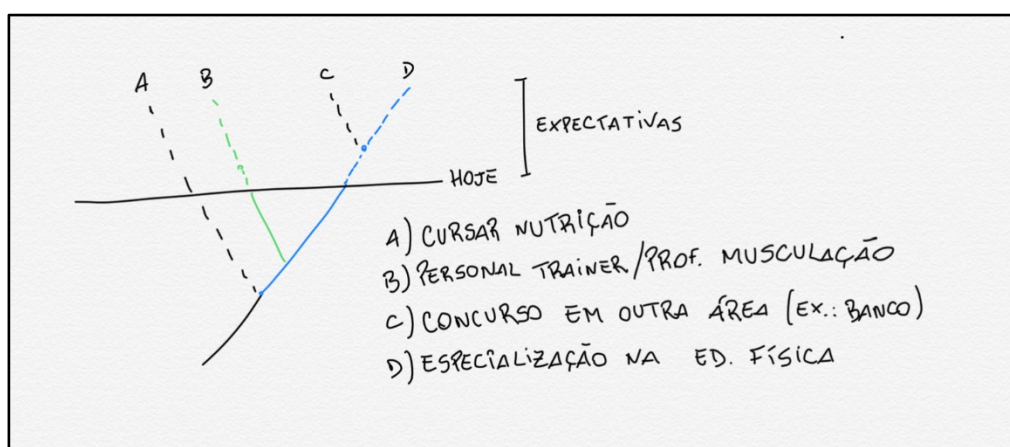
instituição é federal - "eu não teria pago para fazer Educação Física, fiz porque é de graça." - afirma.

No quesito formação e investimento em carreira, ela diz que ainda não fez nenhum curso, *workshop* ou participou de alguma jornada de palestras na área de treinamento físico, acha que são cursos caros, mas que gostaria de fazê-los.

Ao avaliar a postura do profissional de modo geral, acha que grande parte parece estar desinteressada: ficam mexendo no celular, não dão a atenção devida aos alunos e que esse tipo de atitude reflete diretamente na remuneração. Não tem planos definidos para atuação logo depois de formada, pretende seguir trabalhando na academia em que faz estágio e preencher os horários que eram das aulas da faculdade com alunos de *personal training*.

Nunca teve ideia de abrir um negócio próprio, talvez pela própria insegurança que sente até ao cobrar aulas avulsas dos seus alunos. Nessa mesma questão futura, diz que se passasse num concurso de outra área (por exemplo, um concurso bancário), trocaria a atuação da Educação Física pela estabilidade do funcionalismo público, mesmo que em área totalmente distinta. Sua pretensão salarial numa perspectiva de sucesso total gira em torno de 4 a 5 mil reais. Ao final da entrevista ela retoma o assunto do concurso, e diz que não largaria a Educação Física de modo geral, mas que a levaria apenas como um *hobby*.

**Figura 5** - Inserções, realidades e expectativas de Carolina



Fonte: elaboração própria

### 5.3 Trajetória 03: Fernanda

Fernanda tem 31 anos, formada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atua como gerente de uma academia de pequeno porte em Porto Alegre. Sua trajetória iniciou em 2007 quando foi aprovada no vestibular para Educação Física na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Afirma que seu sonho sempre foi fazer Veterinária como primeira opção, apesar de gostar muito da Educação Física. Pensava em atuar com equoterapia (um tipo de tratamento/terapia com cavalos que visa estimular corpo e mente dos praticantes). Neste ano de 2007 prestou vestibular para Veterinária na UFRGS e para Educação Física na PUCRS, acabou sendo aprovada nesta segunda, onde diz ter se encontrado no curso e desistido da ideia de cursar Veterinária. Ao final deste primeiro semestre, trancou o curso e foi morar fora do país. Ficou um ano fora, quando voltou acabou tentando vestibular para Educação Física na UFRGS e foi aprovada em 2009.

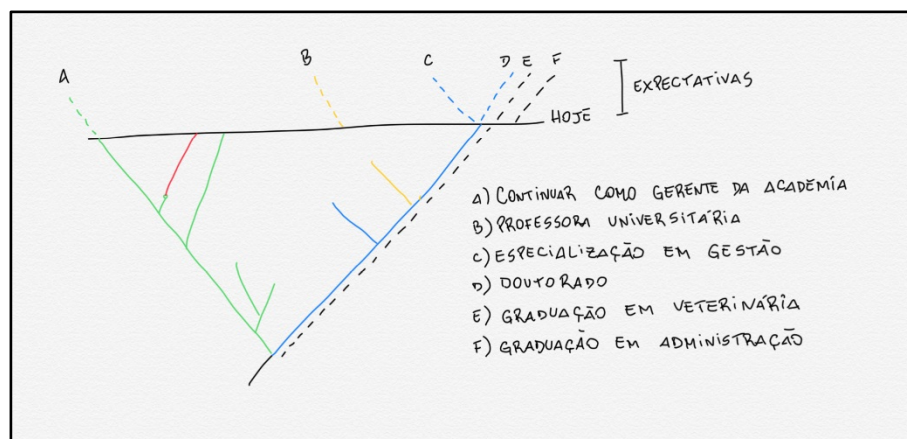
Fez estágio em diversos lugares, chegou a fazer estágio em três locais diferentes simultaneamente, além das aulas da faculdade. No segundo semestre de 2010 um dos estágios que fez foi em academia de musculação na zona norte de Porto Alegre. Comenta que foi um local de grande aprendizado e onde começou de fato a se encantar pela musculação, por ser uma empresa muito bem organizada que valorizava bem o profissional que trabalhava lá. Neste mesmo local fez o estágio obrigatório. Quando se formou foi efetivada como professora da academia. Dentre todos os estágios que fez, diz que esse foi o que mais agregou conhecimento e preparação para o mercado de fato. Também fez estágio em uma academia de hotel (trabalhava no horário do meio-dia), outro em clínica de reabilitação (atendia pessoas que estavam recém liberadas da fisioterapia, para fortalecimento muscular) e chegou a atuar também em clube de natação, ginástica laboral e grupo de corrida.

Já na fase de inser o no mercado, foi contratada por outra academia na zona leste da cidade. Trabalhava nos dois locais em turnos opostos, até que assumiu a coordena o desta nova academia e acabou virando sócia. Teve sucesso na sua gestão, ampliou o negócio, gerenciava uma pequena equipe e também atuava em sala de muscula o. Fernanda afirma que somente a gradua o não consegue deixar a pessoa apta para o mercado, v  grande importância na vivência de estágios, principalmente se o foco for realmente voltado para aprendizado. Com o passar do

tempo, foi ficando cada vez mais inserida na parte da coordenação da academia, deixando de trabalhar na primeira e atuando também como *personal trainer* de forma paralela. Percebe também que muitos colegas já trocaram de área, alega que o “mercado está complicado”. Hoje atua como gestora de academia, tem uma pós-graduação em treinamento neuromuscular e está na fase final de mestrado com ênfase em gestão de empresas dentro da Educação Física. Afirma que sua carreira está de fato centrada na área, nesse ramo de gestão de academia, e não vê a possibilidade de uma carreira paralela em outro segmento. Porém, ao ser questionada sobre uma graduação complementar, diz que faria (talvez) Administração e ainda uma remota chance de voltar para o sonho da Veterinária.

Fernanda avalia que os profissionais disponíveis no mercado hoje frequentemente deixam a desejar no quesito atitude e conhecimento, menciona a frase: “as pessoas querem emprego mas não querem trabalhar”. Vê isso como um ponto a ser melhorado no mercado, tendo isso como principal desafio hoje sendo gestora de uma academia. Acredita que as pessoas até desejam boas remunerações, mas não necessariamente se dedicam ao máximo para isso. Talvez por já ter tido o próprio negócio, consegue ver as dificuldades que a academia passa e tenta sempre da melhor forma possível resolver todos os problemas, por já ter tido essa experiência anteriormente. Ainda no quesito carreira e remuneração, diz que gostaria de ser remunerada em 10 mil reais mensais, por todo esforço que emprega em sua atividade, mas tem a ciência de que é um custo alto para o mercado em geral, afirmando que grandes academias pagam para um gestor algo em torno de 4 mil reais.

Fernanda considera sua carga horária um pouco extensa (algo em torno de 8 horas na academia além das aulas de *personal training*), diz que a academia é como se fosse sua “segunda casa”. Tem muitos planos ainda para sua atuação na academia e vê de forma positiva como isso pode influenciar na sua carreira. Gosta de administrar a empresa, gosta da convivência que tem com a equipe e com os alunos e também por ser perto de casa. O plano para logo que acabar o mestrado é se especializar cada vez mais em gestão visando redução de carga horária e incrementos de remuneração, de preferência que possa só gerenciar e não ter mais que atuar em sala como professora. Já foi professora universitária no interior do estado por alguns semestres, hoje vê essa possibilidade de carreira como um segundo plano, assim como dar continuidade no doutorado. Quer ficar mais perto da família neste momento (possui um filho pequeno e está grávida do segundo).

**Figura 6** - Inserções, realidades e expectativas de Fernanda

Fonte: elaboração própria

#### 5.4 Trajetória 04: Fausto

Fausto tem 37 anos, é formado em Educação Física desde 2008 e atualmente professor de musculação em uma academia e estudante de um curso técnico de Tecnologia da Informação.

Perguntado sobre suas percepções sobre o mercado de academias em Porto Alegre e como escolheu a Educação Física, respondeu que quando tinha 18 anos, serviu o exército e sua aptidão física era muito ruim e sempre fora muito magro. Tinha um condicionamento físico que deixava a desejar, e isso não era muito comum, o que fez com que se sentisse um pouco frustrado. Dentro do exército, alguns oficiais o apoiaram e aconselharam-no a procurar uma academia. Foi então que começou a treinar. Após algumas pressões e cobranças da família para que fizesse alguma faculdade, pensou que, como estava gostando do treinamento na academia e vendo resultado naquilo que fazia, optou por fazer Educação Física. Continuou estudando e treinando até certo ponto em cima de uma frustração porque se sentia limitado fisicamente. Acha que foi uma forma de superação em função das experiências negativas que teve no exército na parte física. Segundo Fausto, para fazer um curso superior, teria que ser muita prática (não gosta de muita teoria) alguma coisa que o empolgasse, o envolvesse, que dominasse e gostasse de aprender mais.

Cursou Educação Física no Centro Universitário Metodista - IPA a partir de 2004. Em 2006 fez seu primeiro estágio na academia onde treinava. Começou o estágio por conta própria, porque sabia que se dependesse da instituição (IPA) os

estágios seriam curriculares e em escolas, que era justamente a área que não queria. Além disso, o objetivo era o aprendizado. Perguntado se alcançou o objetivo proposto, respondeu que:

Eu era muito chato (no sentido de interessado) e corria atrás. Nesta área é muito comum ficar meio solto, nas reuniões técnicas se falava muito com os estagiários e pouco se fazia, supríamos uma demanda grande nas academias e o suporte e aparato técnico eram poucos, o que me ajudou muito, foi o fato de já estar treinando antes, o que me fazia ter uma confiança maior no que fazia e falava, e o que eu não sabia, eu pesquisava, perguntava para o professor, assistia vídeos, corria atrás.

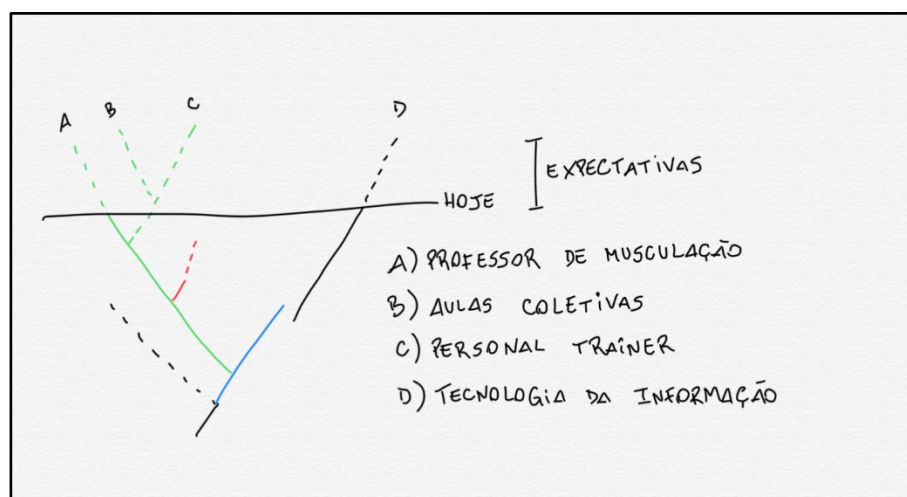
Quanto a conseguir emprego após a conclusão do curso, Fausto diz que não é muito fácil, que demorou de seis meses a um ano para conseguir alguma coisa, chegou à conclusão de que o mercado funciona por indicação, que não importa muito se tem um currículo, uma graduação ou se investiu em cursos, isso seriam apenas detalhes. A ideia de fazer o curso de Técnico em TI (Tecnologia da Informação) inicialmente seria para ter uma nova formação e tentar agregar as duas coisas mais para a frente. Trabalhar com aplicativos, *softwares* ligados à Educação Física. Acredita que o mercado ainda está muito limitado para os formados. Diante da dificuldade de conseguir emprego, abriu uma academia de lutas tipo MMA (*Mixed Martial Arts*). Foi uma breve experiência, durou em torno de seis meses, e, por falta de recursos e investimento de valor alto, teve que desistir do negócio. Ressalta ainda que não foi um negócio com planejamento, apenas executou a ideia com receio de que se ficasse planejando muito, poderia nunca sair do projeto. Quanto a questão da atuação no mercado, considera que a qualificação profissional está muito fraca e a remuneração fica muito abaixo do esperado.

Perguntado se no momento em que se fala que o profissional de modo geral é ruim, e a remuneração é baixa, o entrevistado afirma que uma coisa não está ligada diretamente à outra. Diz que apesar de bons currículos existe a problemática de empregadores que possam pagar por isso e acabam contratando somente estagiários. Quando a oferta salarial não é boa o suficiente o profissional acaba aceitando condições de menores pagamentos, deixando o mercado ser nivelado por escalas mais baixas. Comenta que essas situações o deixam cada vez mais frustrado: *“Não existe um plano de carreira, muito se fala, mas não sai do papel”*.

Quanto ao futuro de sua carreira, considera que o encaminhamento está se dando de forma lenta e contínua: sua meta inicial era se encaixar no mercado de

academias para poder dar continuidade aos seus projetos. Precisa fazer o estágio final para a conclusão do curso técnico em TI e quem sabe dar algumas aulas de *personal training*. Hoje considera a ideia de trabalhar como autônomo em modalidades diferentes (*personal training* e ginástica de academia, por exemplo), além da possibilidade de aliar a Educação Física com TI para o desenvolvimento de *softwares* e aplicativos para os profissionais da área. Vê o mercado de forma instável, alegando que não tem o reconhecimento profissional que deseja. Esses fatores impactam na sua carreira e conseqüentemente na sua vida pessoal, onde diz que não tem condições de constituir família (casamento e filhos) por não ter capacidades financeiras para isso. Sua pretensão salarial no caso de todos os planos terem sucesso, fica em torno de 4 mil reais mensais.

**Figura 7** - Inserções, realidades e expectativas de Fausto



Fonte: elaboração própria

### 5.5 Trajetória 05: Marcelo

Marcelo tem 24 anos, graduando em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2013/1. Pretende graduar-se na licenciatura no final do ano (2018) e no bacharel no final do ano seguinte (2019).

Foi atleta de atletismo pela SOGIPA, com dedicação quase que exclusiva ao esporte, não conseguindo disponibilizar muito tempo para a graduação. A história do Marcelo dentro da Educação Física já vem de família: sua mãe fez a graduação, mas

não chegou a se formar e seu irmão também cursou Educação Física e acabou mudando de área de atuação quando entrou no mercado de trabalho.

Sua entrada oficial veio por meio do gosto esportivo, praticava corrida (chegou a competir a nível estadual e nacional) e acabou tentando o vestibular: *“Vou fazer educação física, se eu não gostar, troco”*. - afirma. Acredita que foi uma boa opção, pois logo ao entrar no curso já percebeu que havia oportunidades no mercado, onde foi se inserindo cada vez mais. Marcelo se candidatou primeiramente para licenciatura em Educação Física por achar que é uma forma mais fácil de entrar na graduação, já que não tinha condições financeiras de cursar uma faculdade particular. Com o passar do curso, viu que tinha grande importância a noção pedagógica até mesmo para a atuação no mercado do bacharel, pela maneira de se comportar diante dos seus alunos/clientes, dizendo que isso inclusive o diferencia dos colegas que não tem esse tipo de experiência. Diz que a licenciatura o ajuda a analisar quais atividades estão indo bem ou não dentro da academia onde trabalha, que tem a visão mais ampla para poder adaptar como necessário e uma visão mais “humana” sobre o desenvolvimento dos seus alunos.

Sua primeira aparição no mercado de academias foi como atleta patrocinado, e ao conversar com o coordenador sobre a necessidade de um estágio (obrigatório, pela faculdade), acabou sendo convidado logo em seguida para dar início nessa atividade. Relata que já tinha detectado algumas deficiências de atendimento dentro da academia e que com sua experiência prévia acreditava que poderia ser de grande colaboração para o grupo. Como já tinha passado por diversas academias e experimentado situações de atendimento nem sempre agradáveis, Marcelo já tinha a noção de como deveria ser uma postura profissional diante de um cliente, baseado no que já tinha vivenciado. Ao iniciar sua atividade de estágio, relata que o coordenador técnico o acompanhou durante as primeiras duas horas, forneceu uniforme e deu algumas explicações generalizadas de como a academia funciona, o que deve ser feito e o que deve ser evitado. Não teve nenhum treinamento e apesar de sua experiência (como cliente) se sentia de certa forma inseguro para assumir a sala de musculação. Em pouco tempo de atuação como estagiário (duas semanas, para ser mais específico) acabou assumindo um cargo semelhante ao de um coordenador dentro da academia, sendo responsável pela atuação de todos os outros estagiários, pelas escalas de final de semana dos professores, sobre os pagamentos, sobre contratações e demissões e sobre o funcionamento geral da academia.

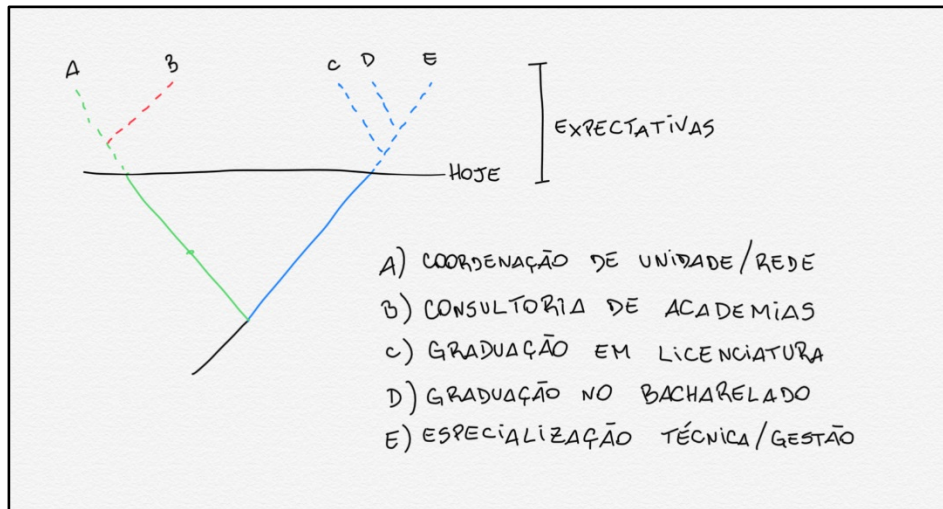


Marcelo tem grande interesse em se manter na área de gestão de academias após sua formatura, diz ser uma área que nunca tinha imaginado nos anos anteriores, mas que hoje vê como uma ótima possibilidade de carreira. Pensa em buscar mais qualificações específicas para essa atividade, alegando que nunca teve alguma disciplina sobre gestão (ou algo desse ramo) durante a faculdade. Relata que a graduação aperfeiçoou muito suas técnicas como professor de musculação, mas nada quanto a planejamentos estratégicos, gerenciamento de negócios e afins. Ao conversar com colegas diz que poucos tem a noção de como suas carreiras estão sendo construídas, que alguns acabam “atropelando” as coisas. Nota que as pessoas saem da faculdade e vão atuar onde surgem as oportunidades, e não exatamente onde gostariam de atuar de forma genuína.

Quanto ao futuro de sua carreira, Marcelo não cogita fazer outra graduação, mas pensa em fazer especializações na área técnica (fisiologia, treinamento e outras) ou talvez se inserir na área específica de gestão, já que abrir sua própria academia é uma ideia plausível, apesar dos receios de “sobrevivência” que percebe no mercado. Quanto a esses problemas que se refere, está principalmente a questão de ter bons profissionais para se trabalhar. Diz que o mercado paga um valor muito baixo, que o estágio hoje funciona mais como o trabalho propriamente dito do que uma atividade de aprendizado e isso faz com que muitas pessoas fiquem interessadas somente no valor que vão receber.

Vê boas possibilidades de rendimentos sem ser o proprietário da academia, como o próprio cargo de coordenador/gerente ou ainda *personal trainer*: “*tem como ganhar bem, eu acho que falta qualificação*”. Seu planejamento atual é continuar na coordenação dessa academia até conseguir ser o coordenador da rede (são 6 unidades), vê com mais entusiasmo a ideia de trabalhar com consultoria de academias e tem trilhado um caminho para isso, já que vê muitas academias abrindo e fechando em pouco tempo, inclusive comenta sobre unidades que possuem mais de 1500 alunos ativos e enfrentam problemas financeiros. Alega que esses problemas financeiros podem ser solucionados desde que haja um plano estratégico de ação. Sua pretensão salarial que o deixaria bem satisfeito hoje gira em torno de cinco mil reais mensais.

**Figura 8** - Inserções, realidades e expectativas de Marcelo



Fonte: elaboração própria

## 5.6 Trajetória 06: Francine

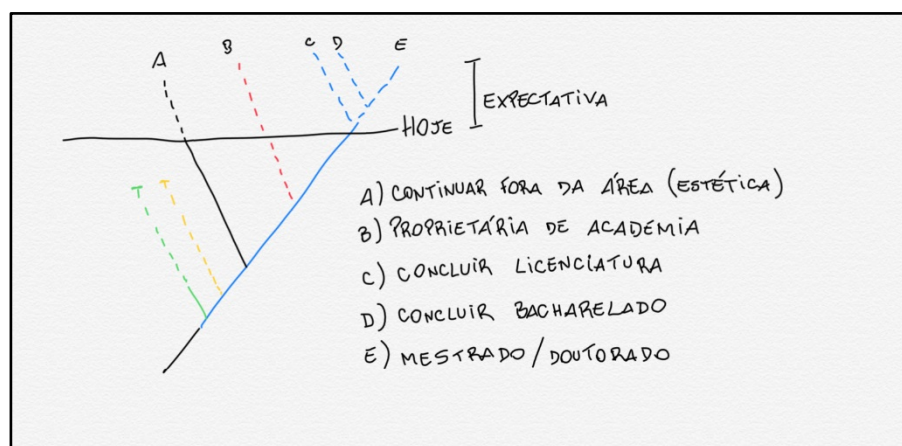
Francine tem 24 anos e está no último semestre de Licenciatura em Educação Física pela UFRGS. Sua trajetória tem início ainda na escola como jogadora de handebol. Relata que praticou o esporte durante todo o ensino fundamental e médio, foi federada, jogou pela ACM (Associação Cristã de Moços) e via como uma possibilidade de carreira seguir como atleta deste esporte. Ainda cedo, aos 14 anos, teve uma lesão nos ligamentos do joelho e teve que abandonar essa possibilidade, diz que a recuperação foi bem difícil por diversos motivos e que isso pode ter sido a principal razão de querer se formar em Educação Física: a frustração de não poder seguir como atleta e querer dar continuidade na sua carreira dentro do handebol. Iniciou sua graduação na modalidade licenciatura e ao experimentar as vivências da área da educação, acabou surgindo um novo interesse que antes não tinha sido cogitado, apesar de acreditar ter mais vocação para as áreas do esporte aplicado.

Durante a graduação fez alguns cursos na área de musculação e treinamento funcional, mas alega ter se decepcionado quando iniciou as atividades no mercado de trabalho. Essa frustração impacta no seu plano de carreira hoje, já que diz ser uma pessoa que acreditava muito na qualidade da educação física e que até se ofendia quando alguém falava mal do curso ou da carreira. Hoje, diz que de certa forma concorda com essa visão, que a profissão tem pouco reconhecimento para a sociedade que chega ao ponto de não conseguir ver um futuro de atuação nessa área.

Não tem expectativa de trabalhar em sala de musculação (a não ser que seja a proprietária), tendo em vista que se considera uma pessoa muito interessada e esforçada, que fez a faculdade de forma muito intensa, mas que não consegue ver sua rentabilidade de acordo com o que planeja para seu futuro. Cogita, apesar disso, graduar-se como bacharel logo após a conclusão da licenciatura, para complemento de currículo. Ao se referir sobre o futuro de sua carreira, diz ser uma pessoa muito “perdida” nesse ponto, que não sabe ao certo o caminho que está trilhando e nem para onde está indo.

Atualmente divide um estúdio de procedimentos estéticos (faciais e corporais) com uma amiga, pensa nas possibilidades de: fazer mestrado e doutorado; trabalhar com liberação miofascial ou abrir seu próprio negócio no ramo de academia (pouco provável). Conta que hoje no ramo de estética consegue ganhar o triplo do que recebia no seu estágio em academia. Acha que a remuneração tanto para estagiários e para professores formados fica muito abaixo do que espera para si. Sua pretensão salarial gira em torno de 10 mil reais mensais, a qual vê mais possibilidades atuando na estética do que na educação física.

**Figura 9** - Inserções, realidades e expectativas de Francine



Fonte: elaboração própria

## 5.7 Trajetória 07: Alessandro

Alessandro tem 37 anos, professor de ginástica de academias, formado em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em 2006, atua no mercado desde 2001.

O início da sua trajetória foi relacionado ao futebol, sempre pensou em atuar com esportes, mas também via possibilidades de atuar em várias modalidades, como preparação física, educação, recreação, lazer e até serviço público. A ideia do esporte parecia mais atrativa, tanto por ter maior visibilidade e reconhecimento no mercado, além de ter chance de prover grande retorno financeiro. Seu interesse principal era atuar com futebol, mas notou que o mercado “afunilava” muito quando os níveis iam aumentando para alto rendimento e performance. Notou também que existiam muitos profissionais bem capacitados para isso, e que o alto nível de conhecimento técnico aliado de um bom *networking* iria determinar seu sucesso e sua continuidade na área.

Durante a faculdade e um período depois de formado, conseguiu atuar com o futebol. A ginástica de academia veio surgindo como uma nova possibilidade e Alessandro acabou atuando nesse ramo pelos últimos 13 anos. Essa mudança foi acontecendo aos poucos, as propostas no futebol foram ficando mais fechadas, envolvendo grandes mudanças e muita incerteza. A área da ginástica coletiva foi se apresentando como uma boa opção, via bons profissionais, qualificados, bem remunerados e com bastante demanda de trabalho. Logo que se formou teve uma boa inserção no mercado de trabalho, boas propostas em bons locais de trabalho. Se diz arrependido de não ter continuado os estudos (pós-graduações) enquanto tinha mais disponibilidade de tempo.

Vê o mercado de forma positiva, ressalta as diversas possibilidades de atuação, inclusive conta que já teve trabalhos de coordenação e de vendas (de suplementos, roupas e artigos esportivos) mas acha que poderia ser melhor, tanto em termos de remuneração quanto de fiscalização dos órgãos responsáveis. Acha que o professor ainda é muito desvalorizado para o que se propõe a fazer, que é cuidar da saúde e da formação educacional das pessoas. Hoje, atuando como autônomo, nota que existe uma variação muito grande quanto a sua remuneração. Ela passa por altos e baixos constantemente, mas mesmo assim ele considera mais vantajoso do que quando trabalhava com carteira assinada. Relata que academias abrem e fecham muito rápido, impactando negativamente na carreira dos profissionais. Diz que já teve períodos de bons rendimentos, mas precisava trabalhar mais de 12 horas por dia para isso e sempre preocupado com a instabilidade do mercado.

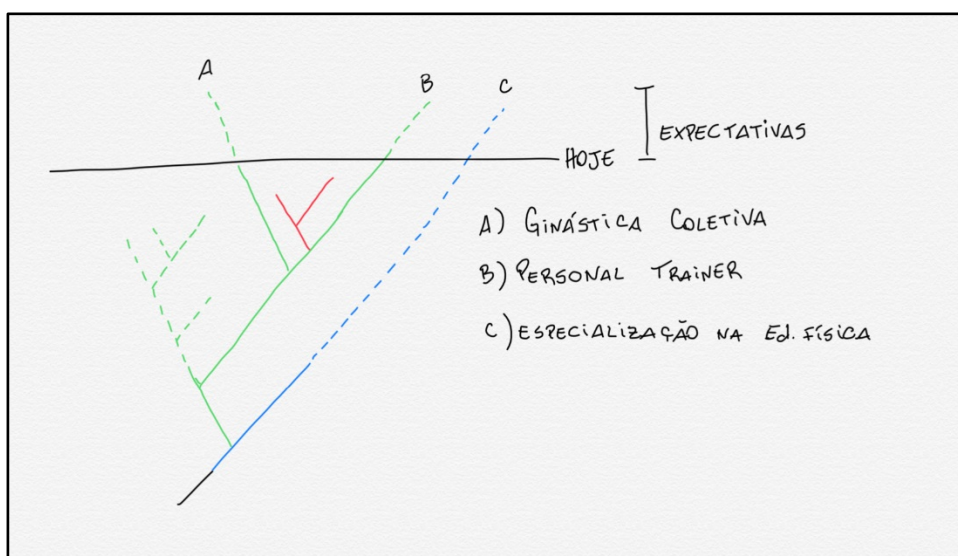
Quanto ao futuro da carreira, vê que hoje já não consegue fazer coisas que fazia em outros tempos. Que a vida vai passando, que depende de uma boa saúde

física para poder exercer sua atividade, que não sabe ao certo como as coisas serão no futuro.

Quando questionado sobre a relação entre o funcionário contratado com CLT e o horista, reitera que vê mais vantagens para o lado autônomo mas de modo geral também nota as vantagens do outro lado: a estabilidade e a remuneração garantida. Apesar de ser um valor de hora mais baixo do que se ganha como autônomo, conhece colegas que estão há mais de 10, 15 até 20 anos na mesma empresa e pretendem continuar trabalhando lá. Quanto ao planejamento da sua carreira, pretende se especializar cada vez mais, para se manter atualizado para o mercado. Não pensa em ter seu próprio negócio, apesar de já ter recebido algumas propostas para sociedade de empresas.

Nessa continuidade como autônomo, diz que já teve rendimentos entre 5 e 7 mil reais mensais, o que considera um bom valor. Ao ser questionado sobre sua pretensão salarial atual, diz que essa cifra corresponde bem a sua realidade e satisfação profissional, com uma percepção um pouco mais alta, entre 7 e 10 mil reais mensais. Por fim, não desconsidera também a estabilidade de um trabalho como um concurso público, por exemplo, afirmando que se é pra ter estabilidade e algum reconhecimento, recebimentos em torno de 3 a 4 mil reais já o deixariam satisfeito.

**Figura 10** - Inserções, realidades e expectativas de Alessandro



Fonte: elaboração própria

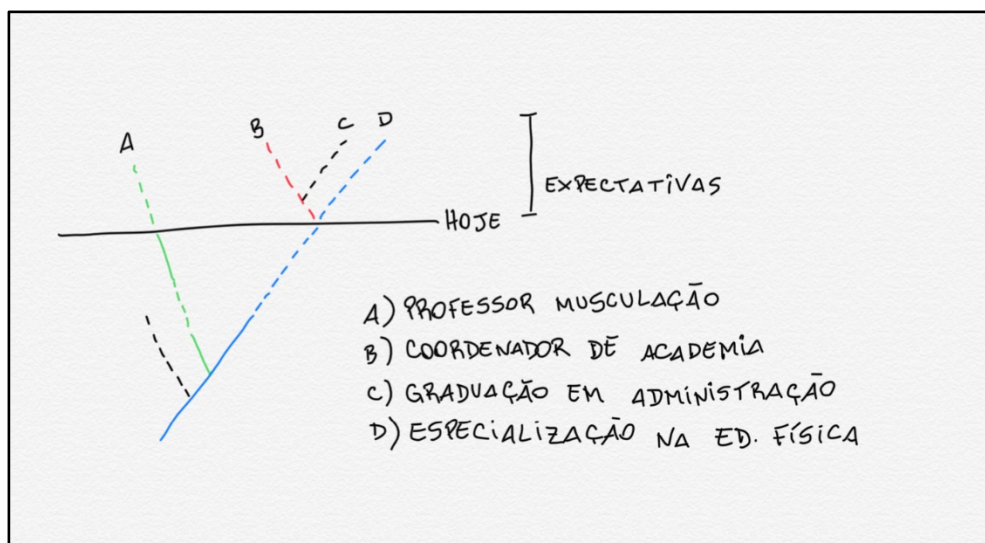
## 5.8 Trajetória 08: Pablo

Pablo tem 24 anos, bacharel em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) desde 2017. Ao ser questionado sobre o que o motivou a cursar Educação Física, diz que sempre quis trabalhar nessa área. Desde pequeno foi muito ligado ao esporte, principalmente ao vôlei (esporte que pratica até hoje).

Durante a graduação fez dois estágios em academias de musculação: uma de pequeno porte e outra de grande porte. Na primeira fase diz que foi de grande aprendizado, onde fazia provas teóricas de conhecimento de musculação, aprendeu a montar treinos, periodizar, a fazer avaliação física e outras competências que seriam necessárias para o mercado. Na segunda fase, na academia de grande porte, teve grande importância o aprendizado de trabalhar em equipe, em uma organização maior, com diversos setores e o comportamento que se deve adotar nessas situações. Ambos os estágios foram de grande valia e também de acordo com o que ele esperava. Logo após se formar ficou um período fora do mercado por estar em uma viagem, e seu retorno foi de certa forma facilitado por já ter deixado uma boa impressão durante o estágio. Logo, assim que voltou ao mercado conseguiu ser contratado pela academia que tinha feito estágio por último (a de grande porte).

Hoje sua carreira está totalmente centrada na educação física. Não vê possibilidades reais de fazer outra graduação (a não ser Administração, caso seja necessário para um trabalho específico), mas cogita um futuro em que possa ser coordenador ou até proprietário de uma academia, se espelhando nos profissionais que o orientaram durante os estágios.

Atualmente considera sua remuneração de acordo com sua expectativa de mercado, e que sua atuação (ginástica e musculação) está sendo bem desempenhada. Se vê privilegiado em relação ao mercado, quando conversa com colegas. Cogita a ideia de fazer uma pós-graduação, pois não quer parar de estudar. Diz que quanto mais conhecimento ele puder agregar, mais valor profissional ele consegue no mercado. Pretende, num futuro próximo, trabalhar em torno de 8 a 9 horas por dia e ter um salário bruto entre 5 e 6 mil reais, o que já o deixaria bem satisfeito.

**Figura 11** - Inserções, realidades e expectativas de Pablo

Fonte: elaboração própria

### 5.9 Trajetória 09: Laura

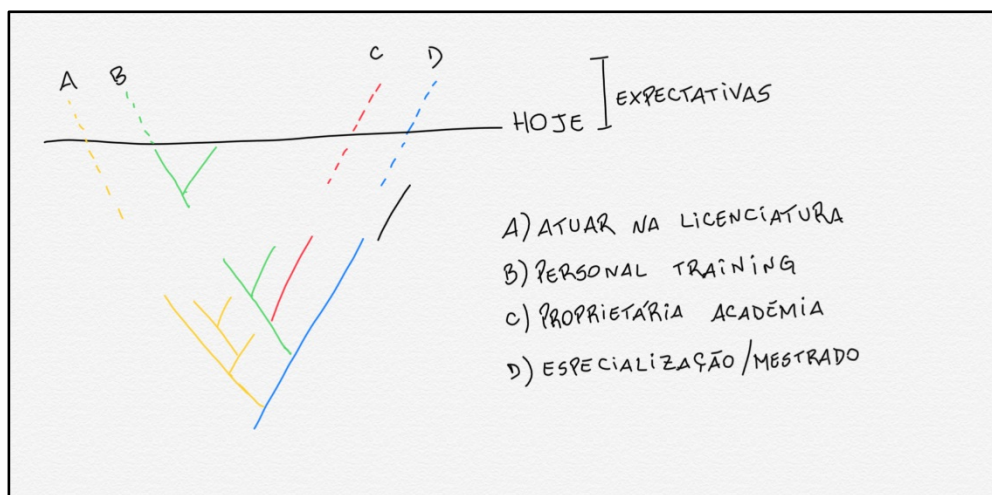
Laura tem 29 anos e atua como professora de musculação desde o ano de 2007. Concluiu o curso de licenciatura em Educação Física na PUCRS no ano de 2010, e em 2015 concluiu o bacharelado. Perguntado o que havia feito com que escolhesse Educação Física, respondeu que escolheu este curso pelo motivo de querer ser professora em escola. Fez vários estágios em escolas e nenhum deles foi remunerado. Após formada, fez várias entrevistas para emprego, mas nunca foi selecionada. Por este motivo, acabou saindo da área da licenciatura e acabou trabalhando em academias.

Perguntado se achava que os estágios realizados no ramo de academias foram de acordo com que ela esperava, respondeu que sim, que aprendeu bastante, que sempre teve a liberdade de dar opiniões e fazer cursos pagos pela empresa. Trabalhou como coordenadora em academia e liderança na área terrestre. Nunca conseguiu trabalhar na área da licenciatura, foi sempre como bacharel. Considera que a carreira está sempre centrada na Educação Física, tendo como plano futuro, incrementar sua receita como *personal trainer*. Pensa em futuramente abrir seu próprio negócio, provavelmente uma academia de pequeno porte ou até um estúdio de treinamento.

No meio de sua trajetória teve um período de trabalho fora da área: atuava de forma administrativa dentro da prefeitura enquanto cursava o bacharelado à noite. Logo que se formou já recebeu um convite para coordenação de uma academia.

Perguntada sobre o que achava a respeito da remuneração do profissional, respondeu que o profissional acaba recebendo qualquer valor, falta planejamento para carreira e acaba sempre tendo que fazer um “desconto”. Gostaria de fazer uma pós-graduação em Treinamento e Fisiologia e talvez um mestrado, porque seu interesse maior é na área da licenciatura. Nesse ponto, sobre o futuro de sua carreira, pretende manter uma média alta de alunos de *personal training* (cerca de 80% do seu rendimento atual), cogita a possibilidade de empreender e também não descarta a possibilidade de atuar na licenciatura, que foi o seu primeiro desejo de carreira dentro da Educação Física. Sua pretensão salarial em um caso de sucesso em todos os planos fica em torno de 10 mil reais mensais.

**Figura 12** - Inserções, realidades e expectativas de Laura



Fonte: elaboração própria

### 5.10 Trajetória 10: Ana

Ana tem 45 anos, formada desde 1996, possui Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é professora de musculação em uma academia de grande porte e também atua como *personal trainer*.

Perguntado o que fez com que escolhesse cursar Educação Física, respondeu que pensou que seria muito bom trabalhar com o corpo, trabalhar ao ar livre e então

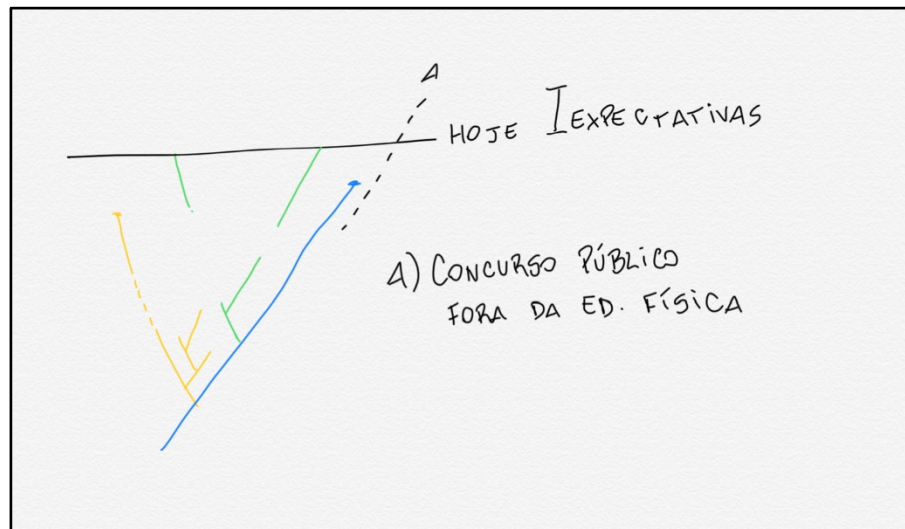


optou pela Educação Física. Quanto aos estágios, diz que fez vários, desde colônia de férias, recreação, trabalho na praia, academia, musculação, enfim, todos que pôde fazer. Logo que se formou, trabalhou com musculação em academia, começou a gostar desta área de treinamento e começou a fazer cursos e participar de eventos. Fez mestrado e trabalhou na ESEFID com pesquisa dentro da parte de aperfeiçoamento. Terminou o mestrado no ano de 2001. Perguntado sobre a dificuldade ou não de conseguir emprego após formada, respondeu que foi muito difícil, pensou inclusive em sair do país. Mas felizmente, um colega comentou que estavam precisando de professor na ULBRA, e foi então que assumiu algumas disciplinas lá. No começo pegou qualquer disciplina que lhe foi oferecido, com o passar do tempo conseguiu começar a dar aula das disciplinas que eram do seu interesse. Nesta fase de fim de mestrado, confessa a frustração de se inserir no mercado de trabalho: não havia vagas compatíveis com seu currículo. Para professora universitária era preciso o doutorado. Logo, não tinha emprego e nem mais a bolsa de estudos. Em 2009 entrou no Doutorado também pela UFRGS. Ficou mais de 10 anos como professora na ULBRA. Relata diversos momentos de dificuldades financeiras, da impossibilidade de se manter financeiramente apenas com a bolsa de estudos, e que ao atuar de forma autônoma acabava prejudicando sua pesquisa por dividir seu tempo em atividades diferentes. Ainda no doutorado quando conseguiu a bolsa de estudos, foi obrigada a pedir afastamento da ULBRA, teve que vender o seu carro para conseguir um aporte financeiro maior até que pudesse retornar às atividades de professora universitária.

Hoje sua carreira está centrada na Educação Física porque, segundo Ana, não tem outra coisa para fazer. Diz que a Educação Física não lhe dá o que precisa, não tem como viver como *personal trainer*, é um mercado muito instável. Sobre a questão do mercado de trabalho, a avaliação e remuneração do profissional na área, Ana respondeu que o mercado hoje, é meio cruel, a concorrência um tanto desleal, o cliente busca mais por *status* do que por qualidade, e o profissional acaba tendo que se nivelar por baixo. Atualmente está estudando para fazer concursos fora da Educação Física (área jurídica, bancária e outros). Trabalha como *personal trainer* porque precisa pagar suas contas. Não pretende continuar na Educação Física por muito tempo. O trabalho como *personal trainer* não tem muita durabilidade, ainda mais quando se fala a respeito de idade. Não aguenta dar aulas das 6h até as 22h e vê colegas da mesma faixa etária reclamando da mesma exaustão necessária para se

manter o padrão de vida conquistado. Sua pretensão salarial é a partir de 10 mil reais mensais, e para isso está tentando todo tipo de concurso público que remunere próximo a esse valor. Quanto ao futuro na Educação Física, diz ser uma relação de amor e ódio, já que sempre gostou da atividade que exerce, mas a instabilidade da profissão faz com que ela queira abandonar esse ramo de trabalho.

**Figura 13** - Inserções, realidades e expectativas de Ana



Fonte: elaboração própria

Concluído essa primeira fase das análises, destacando uma dimensão mais analítico-descritiva das informações produzidas pelas entrevistas semiestruturadas com os interlocutores, passo para a segunda etapa que, como mencionei, envolve a apresentação de categorias interpretativas.

## 6 TRAJETÓRIAS MARCADAS POR ADAPTABILIDADE, INCERTEZA, POSSIBILIDADES PARALELAS E RESILIÊNCIA

A continuação do trabalho, agora, parte de uma análise das trajetórias descritas anteriormente e ilustradas nas figuras, procurando aspectos recorrentes que emergissem como categorias representativas da inserção e, principalmente, das percepções sobre as realidades e expectativas dos profissionais. Aquilo que trago na sequência não são categorias formuladas *a priori*, pois elas surgiram dessa análise das recorrências, também com o propósito de conjecturar um modelo de carreira.

Além de retomar as elaborações do capítulo anterior, este como âncora, ainda resgato conteúdos das entrevistas com a finalidade de dar solidez empírica às análises e interpretações, agora desenvolvidas na articulação com a produção acadêmica da área (outros estudos). Mas, fundamentalmente, estarei sustentando que a inserção e o modelo de carreira do profissional de educação física no setor *fitness* estão atravessados pela: adaptabilidade para executar diversas funções no mesmo período; incerteza sobre o futuro da carreira; possibilidade de uma carreira paralela; e resiliência profissional da Educação Física. No quadro 1 ilustro a recorrência delas nas 10 trajetórias estudadas.

**Quadro 1** - Categorias e recorrência nos conteúdos das entrevistas dos profissionais

Profissionais	Adaptabilidade para executar diversas funções no mesmo período	A incerteza sobre o futuro da carreira	A possibilidade de uma carreira paralela	A resiliência profissional da Educação Física
Sabrina	X	X	-	X
Carolina	-	X	X	X
Fernanda	X	X	X	X
Fausto	-	X	X	X
Marcelo	-	X	-	X
Francine	-	X	-	-
Alessandro	X	X?	-	X
Pablo	-	X	X	X
Laura	X	X	-	X
Ana	X	X?	-	-

Fonte: elaboração própria

Legenda: "X" significa que essa categoria está claramente explícita no conteúdo da entrevista; "X?" significa que não há um trecho explícito sobre a categoria no conteúdo da entrevista, no entanto no conjunto das manifestações fica compreensível a presença; "-" significa que a categoria não aparece no conteúdo do interlocutor.

## 6.1 Adaptabilidade para executar diversas funções no mesmo período

A ampla diversidade de atuações que o profissional de Educação Física encontra no mercado pode ser visto como uma vantagem do curso. Ter um amplo leque de opções permite com que o profissional possa “testar” diversas formas de trabalho até se identificar propriamente com as que mais lhe dão retorno (tanto profissional como pessoal). O que pude perceber ao longo das entrevistas e também percebendo o mercado que nos cerca, é comum as pessoas executarem mais de um tipo de trabalho mesmo dentro da Educação Física. Esta é uma característica já recorrente dentro do curso, onde já se tem uma noção da carga horária extensiva e a necessidade (subjativa ou objetiva) de se poder trabalhar o máximo de horas possível.

Como podemos perceber no trecho destacado em seguida, a graduanda já prevê as múltiplas atividades que pode/quer exercer, não tendo ressalvas sobre a “quantidade” de trabalho que poderá encontrar na concretização do seu plano:

Em 2019 eu já vou ter concluído o mestrado. A minha ideia é tentar a residência médica, que dura dois anos, caso consiga eu vou tentar fazer em paralelo também a docência, fazer em escola pública ou universidade privada, não sei, o que acontecer... e aí depois, talvez, pensar num empreendimento próprio, ou com algum sócio, algum colega que entre junto... ou até meu irmão que é formado também em educação física... e aí continuar tentando esses concursos melhores, tanto pra professor, professor de universidade, ou pra educador físico da área pública, da rede pública, enfim, tentando fazer várias coisas em paralelo. [Trajetória 01: Sabrina. Falando sobre possibilidades de trabalho futuro.]

Este tipo de fala foi bastante recorrente nas entrevistas aqui abordadas. Tanto para pessoas já formadas quanto para as pessoas que ainda estão na graduação. Estes, talvez, já percebiam a atividade dos mais experientes e como se fosse um espelho, planejam a mesma forma de atuação múltipla constantes no mercado.

Exercer diversas funções pode vir desde os estágios durante a graduação, onde, muitas pessoas percebem essa atividade (o estágio) como uma das maneiras de se conseguir ser remunerado enquanto não se forma. Assim, o graduando pode ter diversos tipos de estágio (que por vezes são divididos em alguns dias e/ou carga horária reduzida) sendo remunerado em todos eles, somando uma quantia mais interessante ao final do mês. Essa situação foi percebida principalmente no Caso 03 deste trabalho, onde Fernanda por um certo tempo fez estágio em 3 locais diferentes durante alguns semestres, além da faculdade. Esta rotina perpetuou para sua fase

profissional, já que depois de formada continuou trabalhando em mais de um local, como descrito abaixo:

Eu fiquei bastante tempo na [academia], eu fiquei uns dois anos. E aí, eu me formei em 2012, em agosto de 2012, e em setembro eu comecei a trabalhar numa outra academia, na Zona Leste, ali na Ipiranga, que futuramente eu assumi uma parte administrativa dela ali né... virei sócia do negócio, a gente ampliou um pouco a academia... e aí, ali eu atuava como professora, cuidava da parte administrativa e ainda trabalhei por mais um tempo nessa primeira academia e também gerenciava um grupo de corrida e um estúdio de Pilates.” [Trajetória 03: Fernanda. Falando sobre suas diversas atuações simultâneas.]

A busca pela remuneração dividida entre várias modalidades parece ser uma prática bem comum no mercado da Educação Física aqui estudado. De acordo com os relatos de Ana (Trajetória 10) sobre não ter mais energia para trabalhar das 6h às 22h, o trabalho de Vilhena *et al.* (2012) levantou a questão do uso de recursos ergogênicos por profissionais da Educação Física para que pudessem ter energia extra para cumprir seu trabalho, levando em consideração de que existe essa preocupação com a exaustão física e mental para manter essa jornada prolongada.

Essa prerrogativa aparece aqui como um ponto importante a ser considerado, já que o profissional que almeja melhores remunerações e conquistas deve analisar até que ponto ele estranha essa rotina intensa de trabalho em seu cotidiano (ESPÍRITO-SANTO; MOURÃO, 2006). Esse modelo de atuação com jornadas extremamente longas no mundo das academias pode ser um dos motivos de notarmos a emergência da procura pela atuação de *personal trainer*, já que o profissional passa a ter um nível mais arriscado de manter sua renda (depende de muitos fatores, principalmente externos), mas também pode ser muito melhor remunerado, já que opta por trabalhar com baixo volume de horas (em relação ao que fazia) e com valor de hora trabalhada mais alto, conforme praça de atuação. Provavelmente essa seja a percepção de muitos profissionais que acabam mesclando as atividades: garantir uma “parte” com renda mais alta e outra com garantias de um salário fixo.

Ter outras possibilidades de trabalho não se restringe somente pelas práticas de diversos estágios ou diversas formas de trabalho, mas também por ter outras possibilidades de trabalho e produtos que tangenciam a atividade principal, como a venda de roupas esportivas e suplementos alimentares. Apesar de que as pessoas entrevistadas que atuam dessa forma sempre deixarem claro que a venda é tida

somente como renda extra, como um intermediário entre loja e cliente, é sabido que em alguns momentos a venda de suplementos alimentares se confunde com a prescrição de consumo, a qual deve ser feita sempre por nutricionista ou profissional habilitado para tal. Independente do motivo, já que este não é o ponto principal da questão, mas sim a prática da venda, essa é uma atuação retratada como comum.

Um das conjecturas a respeito disso tem relação com a ligação muito próxima com os alunos. Estes acabam pedindo dicas e orientações sobre o que comprar e o profissional de Educação Física pode perceber como uma fonte de remuneração por comissão de vendas, criando parcerias para essa intermediação. Neste ponto já estamos ultrapassando as barreiras de tecnicismo *stricto* do profissional e estamos entrando em questões que na prática envolvem noções de gestão financeira, gerenciamento, marketing e vendas. Sobre isso debate-se o ponto de percepção que o profissional precisa cada vez mais de amplos conhecimentos para que possa sobreviver ao mercado, conforme relato citado em seguida:

Era academia né... e no clube também né, no clube também. Às vezes tu está numa parte mais logística, numa organização, num setor mais administrativo, na gestão e tal, mas exclusivamente dentro da educação física. Nunca tive nada paralelo. Paralelo, só coisas autônomas, como... às vezes a gente tá envolvido no... nessa área tem muitas pessoas que têm produtos né, de suplementação, material esportivo, roupas, tecnologia... essa parte de roupa e suplementação a gente entra em contato e consegue fazer bastante coisa, dá pra tirar um extra [Trajetória 07. Alessandro. Falando sobre atividades tangenciais à principal.]

Partindo deste pressuposto de que noções mercantilistas podem ser deveras muito úteis no tocante ao destaque de uma carreira em Educação Física, percebo também que cargos de coordenadores, gestores e gerentes hoje fazem parte das opções plausíveis para a atuação profissional. Desde que as academias foram vistas como um negócio de forma lucrativa as contratações para professores de academia passam a ter uma percepção de melhor custo-benefício para a empresa, isto é, os profissionais que há pouco se formaram entram no mercado de trabalho como mão-de-obra “mais barata” (FURTADO, 2007), justificando que ainda não possuem experiência profissional ou especializações. Em termos de gerenciamento de academias, estes profissionais possuem mais possibilidades de entrar no mercado em tempos emergenciais ou de crises financeiras, já que a remuneração tende a ser mais baixa.

Cargos de liderança e gestão passam a ser cada vez mais comuns, onde geralmente quem exerce este papel é o proprietário do negócio ou algum professor de destaque, mas ambos majoritariamente provenientes da Educação Física. (AZEVEDO; SILVA, 2013).

O caso de Laura citado a seguir, mostra de forma mais clara como era sua atuação dentro da academia depois que assumiu um cargo de gerência. Conseguia exercer duas funções simultâneas: gerente (da academia) e *personal trainer* (autônoma). Suas preocupações vão de encontro ao que foi relatado no trabalho de Freitas *et al.* (2014) observando que há a preocupação com o desgaste físico implícito na atividade mista de professor de diversas modalidades conciliadas com o *personal training*, por isso optou por buscar cargos de gerência, já que conseguia aliar uma remuneração melhor e não demandava tanta energia com deslocamentos e possuía horários mais regulares, mesmo com o acúmulo destes trabalhos.

Laura comenta que esta combinação lhe cabia muito bem, já que poderia dar suas aulas particulares no mesmo horário em que estava trabalhando de gerente. A ideia do proprietário da academia em acordo com Laura, era deixá-la “por dentro” da sala de musculação e que assim pudesse observar possíveis processos a serem melhorados pelos professores e atendentes, conforme descrito:

Eu fiquei seis meses só como personal e também mantinha lá... tinha a liberdade de dar aula de personal durante meu horário na cobordenação... ele me deixava bem livre pra poder coordenar e dar aula no mesmo horário pra eu poder ver o que tava acontecendo, era bem bom, assim. [Trajetória 09: Laura. Sobre a combinação de ocupações que exercia.]

Este tipo de fala também surge com frequência em academias de pequeno e médio porte, onde o proprietário por muitas vezes atua como professor de musculação em sala, ao mesmo tempo em que é gerente e que também atua como *personal trainer*.

Nesta mesma perspectiva sobre a miscelânea de atuações do profissional que gerencia seu próprio negócio e atua em sala, Azevêdo (2013) traz a colaboração de seu trabalho, onde aplicou um questionário a 130 instrutores de ginástica e musculação no estado de São Paulo. Relatou que na opinião dos professores existe especificidade nas funções desempenhadas e que para isso demanda de preparação técnica e conhecimentos científicos. Neste trabalho, a maioria dos instrutores não possuíam contrato de trabalho e disputavam mercado com não-graduados e também

não eram graduados quando ingressaram no mercado de trabalho. O principal relato neste ponto é que fazem a ressalva de que a experiência não é valorizada (47,69% possui experiência na carteira de trabalho e 52,31% não) e muitos não se consideram preparados para atuarem com determinadas funções. Este tipo de fala nos remete à função de coordenação e gerência, onde muitas vezes é um cargo assumido sem saber ao certo os desafios que podem vir pela frente.

A grande questão que se levanta nesse ponto é se de fato essa rotina multitarefas pode ser saudável para o negócio e para o profissional, visto que não se dispõe da totalidade do tempo para desempenhar apenas uma ocupação com excelência (ou da melhor forma possível) (VILHENA *et al.*, 2014). Nesta combinação aqui exemplificada, podemos perceber que todas elas possuem geralmente motivos diferentes, como por exemplo o cargo de gerência (necessidade, pois é proprietário do negócio e como na maioria dos casos não pode contratar um gerente no começo da atividade, por contenção de gastos até melhorar o cenário financeiro), o cargo de professor de musculação (responsabilidade, já que sua formação acadêmica o preparou para isso, buscar ser reconhecido profissionalmente pela sua atuação) e o *personal training* (oportunidade, tendo em vista que consegue agregar um valor de hora trabalhada mais alto enquanto está dentro da academia observando seu andamento, semelhante ao caso descrito por Laura).

Quando existe essa sobreposição de cargos (ou extinção de cargos anteriores, o que vai depender do momento do negócio), a pessoa que fica faz trabalho dobrado (ou talvez até com outros múltiplos), o que evidencia os mencionados equívocos na gestão do negócio. Avaliar se a estrutura é enxuta o suficiente para essa sobreposição de cargos deve ser feita de forma constante, para que não haja sobrecarga de funções para poucas pessoas ou, caso contrário, poucas funções para muita gente, gerando um custo inútil. Em uma suposta correção ou redistribuição de funções, é necessário observar se o profissional não está se encaminhando para uma exaustão da capacidade laborativa, onde poderá ocorrer a desistência do trabalho ou a troca para outra empresa ou segmento, simplesmente porque as tarefas não foram distribuídas da melhor forma possível.

O trabalho de Antunes (2003) nos traz os dados de que o número de instrutores é crescente até 30 anos e depois disso já começa a diminuir. Isso está ligado à valorização da condição física deste mercado de trabalho e à necessidade do aspecto jovial. Dos entrevistados no trabalho, 84,62% consideraram importante a boa



aparência, corroborando a ideia do culto ao corpo, já que é visto como exemplo motivacional para os clientes. Trabalhar longas jornadas e ainda conseguir uma aparência estética agradável e porte físico atlético pode ser um fardo um tanto pesado para uma parcela dos profissionais, justamente por não conseguirem manter tantas “necessidades” em dia durante muito tempo.

De certa forma a variabilidade de atuações também é tomada por um lado positivo, pois como foi falado até o momento, essa atuação em diversas áreas também propõe ao profissional (ou graduando, no caso de estágios) a possibilidade factível de sentir-se melhor em determinado trabalho. Na fala mencionada a seguir, Ana conta de forma abrangente como foi que se tornou uma professora universitária, deixando claro que foi “testando” todo tipo de estágio que pudesse encaixar na sua agenda, até que por motivos de influência externa acabou entrando para a área de pesquisa, sem ser um plano previamente trabalhado:

Eu fiz estágio de recreação, aqueles na praia, fiz estágio no Hospital de Clínicas na recreação, aí à medida que eu fui avançando no curso eu comecei a direcionar já para as áreas que eu trabalho hoje. Então aí comecei estágio na academia de musculação, onde já comecei a me direcionar. No meio curso eu entrei para o laboratório de pesquisa da faculdade, então aí já começou mais a direcionar o que eu queria pro futuro, assim, mas não foi uma coisa planejada. Fui porque me disseram que se eu quisesse ter sucesso na Educação Física, o melhor era ir para a pesquisa. [Trajetória 10: Ana. Falando sobre como ingressou na pesquisa acadêmica depois da vivência de diversas áreas.]

Até este ponto do trabalho ressaltamos a situação que muitos profissionais se encontram ou já passaram por isso, seja em fase ainda de graduação ou depois de formado. Mesmo assim, com essa ampla variedade de opções de trabalho, também é comum (e não é exclusivo da Educação Física) a dúvida sobre o futuro da carreira, se de fato a pessoa acredita que está atuando na área certa.

## **6.2 A incerteza sobre o futuro da carreira**

Desenvolver uma carreira na Educação Física nas atividades que competem ao bacharel, pode ser de fato um pouco confuso, tal como passo a compreender a partir das análises. Quando as pessoas foram questionadas sobre o seu próprio futuro profissional (estas que atuam no mercado de academias), dificilmente possuem uma meta traçada, um plano a ser percorrido. Sabe-se que a experiência vem com o tempo,

carregada por novas oportunidades. A arte de se reinventar dentro da Educação Física parece ser uma prática comum, no quesito de “trocar de área” conforme o mercado ‘aquece’.

Se por um lado, os conteúdos das entrevistas levam a entender que os profissionais não buscam apenas um trabalho que seja simplesmente aplicado, na Educação Física, mas procuram compreender a razão daquilo que fazem, podendo ver isso nos resultados que conseguem proporcionar às pessoas, de outro, trago algumas falas sobre profissionais que ainda não conseguem sentir a satisfação plena do trabalho e não tem certeza sobre seu futuro.

Ainda sobre esta satisfação que não foi alcançada, Espírito-Santo e Mourão (2006) nos trazem também a questão de que embora os profissionais coloquem o seu modelo de trabalho sendo um dos problemas principais sobre a administração do seu tempo, inclusive sobre não terem bons hábitos de saúde (que são contrários ao que passam aos clientes), mesmo assim ainda demonstram algum apego emocional ao que fazem. Satisfazem-se em certo grau com sua atividade, embora percebam que a relação entre a jornada de trabalho, baixa remuneração e incertezas sejam vistas de forma prejudicial à sua saúde.

No primeiro caso citado nesta parte do trabalho, percebemos que Carolina está completamente aberta a novas ideias ou novas oportunidades de futuro, visto que não possui uma meta traçada de atuação e nem de especialização em algo que faça:

Eu não pensei nisso ainda (risos). Mas sei lá, eu penso em dar algumas aulas como personal trainer, dar um tempinho, aí fazer uma especialização. Penso primeiramente algo em cinesiologia, ou queria ir mais pra área da nutrição também, que eu tenho um plano de fazer qualquer coisa relacionada à nutrição depois de me formar porque é uma área que gosto muito. [Trajetória 02: Carolina. Falando sobre o que fazer após a graduação.]

Este tipo de dúvida é comum entre as pessoas aqui entrevistadas, tanto para os graduandos quando para os já formados, que se consideram em constante mudança. Parece que há uma necessidade de complementar com outros cursos ou caminhos para que possa ter mais lucidez sobre o futuro, como se a própria Educação Física por si só não se bastasse.

A ideia de ter mais de uma capacitação como um diferencial dentro do mercado de Educação Física aparece em diversos momentos. Como no caso citado anteriormente em que Carolina cogita a ideia de fazer algo relacionado à Nutrição ou uma especialização, a Trajetória 04 traz a expectativa de Fausto de ter uma

capacitação fora da área comum para depois num futuro, se possível, poder aliar as duas formações e assim se diferenciar no mercado. Quando questionado sobre o futuro de sua carreira, mostrou-se completamente em dúvida, já que atua no mercado há bastante tempo e nos últimos meses resolver ter uma área de atuação paralela para que possa num futuro ter mais opções de escolha para seguir construindo sua carreira.

Vou continuar estudando em paralelo na área da Tecnologia da Informação, só que, que nem eu falei, é uma coisa que infelizmente, ou felizmente, não sei, leva tempo pra tu ter o conhecimento, domínio da área que tu quer seguir, de linguagem de programação, disso, daquilo. Então assim, tudo o que eu posso estar fazendo agora é estar trabalhando ou conseguir o estágio que me falta, pra me livrar disso, aí depois eu continuar estudando, investindo em um progresso maior na área da TI, ou buscar, de repente, novas estratégias de marketing, investir de novo na Educação Física, de repente pra captar alunos ou ministrar aulas coletivas, coisas que eu nunca fui muito... pra agregar... mas eu sei que não é muito meu perfil, digamos assim, esse negócio, assim... porque tudo soma né e, acho que trabalhar também, ainda que nesse corre-corre, de um lugar pro outro, dar aulas coletivas é ainda mais rentável do que ficar em sala né. [Trajetória 04: Fausto. Sobre diversas possibilidades de futuro.]

Os profissionais que foram entrevistados, em algum momento afirmaram que nunca pararam para pensar na própria carreira, que apenas foram se deixando levar pelas oportunidades que apareciam. Sobre este ponto existe a ressalva de que gostariam de ter falado sobre isso durante a graduação, de terem sido orientados a pensar de forma crítica sobre os possíveis caminhos a seguir e não apenas ir se movimentando conforme o mercado pede. É preciso conhecer o mercado e suas variações para que possa se planejar para buscar o sucesso. Não que isto seja um fator estritamente necessário para o sucesso, visto que profissionais que conversei possuem uma posição profissional privilegiada e afirmam que não houve planejamento, apenas trabalho árduo e dedicação. No caso citado abaixo, Francine (que já atuou como estagiária em academia, mas não estava inserida no mercado no momento da entrevista) relata como se sente em relação ao futuro de sua carreira:

Eu sou péssima pra responder isso. Não sei, sabe?! Não sei dizer, eu sou muito perdida. Comecei a gostar muito de estética, estudar estética facial, corporal, o que de certo modo abrange bastante coisas da nossa área, como conhecimentos de anatomia, mas por outro lado também foge, e talvez seja mais um viés da fisioterapia, então eu também penso em fazer Fisioterapia, mas aí o [professor] me pressiona muito pra fazer mestrado, doutorado, então eu não sei, eu não consigo responder isso, eu não sei. [Trajetória 06: Francine. Dúvidas sobre o futuro da própria carreira.]

Praticamente todos os casos entrevistados demonstraram alguma dúvida em relação ao futuro. Obviamente, não estamos falando aqui de uma previsão, mas sim de um caminho a ser trilhado. De todas as falas, apenas os casos 07 (Alessandro) e 10 (Ana) tiveram mais convicção sobre o plano a ser seguido, nestes casos, Alessandro pretende seguir fazendo o que faz, apenas com dúvidas (que na verdade é um desejo) sobre cursar alguma especialização na área de Educação Física:

O que eu almejo, assim, também, no momento, é me especializar né, fazer um estudo mais avançado aí, pra estar sempre atualizado, apesar de a gente estar sempre fazendo alguns pequenos seminários, *workshops*, congressos, pequenos cursos, mas em primeiro lugar eu pretendo me especializar. Em relação a ter empresa... eu nunca tive essa perspectiva, não me interessa, apesar de eu também ter recebido propostas de participar de sociedades, de grupo, assim, de investidores e tal e coisa. Por enquanto vou seguir dando minhas aulas que aqui (nesse mercado) já sou bem conhecido. [Trajetória 07: Fernando]

Espírito-Santo e Mourão (2006), por exemplo, observam que nas modalidades *fitness* exige-se dos profissionais de Educação Física um bom condicionamento, pois em muitos casos é importante além de conduzir a sessão, realizá-la juntamente com a turma, e Ana, que demonstrou já ter passado por muitas experiências dentro de diversas áreas de atuação, hoje sente-se cansada para poder cumprir todas as suas responsabilidades pessoais e ainda ter energia o suficiente para executar aulas. Tanto que hoje pensa simplesmente em ser aprovada em um concurso público de carreira fora da Educação Física.

Quando surge este tipo de dúvida sobre a continuidade de seguir guiando aulas e praticando-as junto com a turma, uma das possíveis respostas passa a ser também algum cargo de gestor. Lüdorf e Ortega (2013) nos trazem que a permanência nas academias pode ser dada através desta mudança de função. Possuir este diferencial e ter a possibilidade de inovar, propor mudanças estratégicas na gestão da empresa e tentar corrigir alguns problemas que já tenha passado em sala, faz com que o profissional mantenha-se sempre atualizado e seja conhecedor de outros setores. Sua missão passa a ser o sucesso da empresa, onde o seu sucesso virá por consequência.

Coelho-Filho (2005) notou nos entrevistados do seu trabalho que existe certa insegurança quanto ao desenvolvimento da carreira com o avançar da idade, justamente por se afastarem cada vez mais do estereótipo atlético do profissional de Educação Física atuante em academias. Parece que por conta deste desgaste

emocional e de condicionamento físico, uma parte destes profissionais podem acabar se afastando do mercado de trabalho em academias (principalmente das academias de grande porte).

Ainda dentro deste quesito de incertezas de carreira dentro da grande área da Educação Física aplicada em treinamentos, temos ainda as incertezas ligadas ao tipo de modalidade que pode se atuar, como por exemplo a musculação, treinamento funcional, aulas coletivas, *crossfit*, Pilates, corrida, lutas e etc. Essa gama de opções é ofertada frequentemente em cursos, *workshops* e convenções de curto prazo, possibilitando que o profissional amplie seus conhecimentos e possa adaptar seu trabalho conforme os nichos de mercado vão crescendo. O contraponto desta estratégia é que dificilmente a pessoa será especialista em um determinado tipo de treinamento, mas cabe aqui dizer que isto não é melhor nem pior, depende do perfil de atuação de cada profissional e de como ele pretende se destacar no mercado. Este conhecimento abrangente de diversas formas de trabalho deixa o profissional de Educação Física apto a fazer “pequenos trabalhos”, como cobrir férias de outros professores, inclusive de outros setores ou até de outras academias. Dá a possibilidade de conseguir um espaço no mercado de forma mais rápida. Como no trabalho de Bauman (2001, p. 169) onde ele usa a palavra *flexibilidade* para explicar o cenário de trabalhos por contratos de curto prazo ou até mesmo sem contratos, ressaltando a incerteza da vida de trabalho (já que facilmente se torna substituível) mas evidenciando também essa facilidade para se encaixar onde abrir um espaço.

Além de todos os tipos de diversificação de modalidades, tem ainda a possibilidade latente de se ter uma graduação paralela a fim de se complementar pontos que podem ser vistos como vitais para o destaque profissional na Educação Física, como será trabalhado na sequência deste capítulo.

### **6.3 A possibilidade de uma carreira paralela**

Ter uma graduação paralela é uma ideia que acompanha muitas pessoas dentro da Educação Física. De todas as entrevistas feitas aqui, temos os casos de Sabrina (já é graduada em Administração), Carolina, Fernanda, Fausto, Marcelo e Pablo, que afirmaram que é uma possibilidade viável ter uma formação complementar em outra graduação.

O caso de Carolina descrito a seguir, traz algumas questões relevantes, conforme trecho:

Sinceramente se eu tivesse que pagar a faculdade, se eu não tivesse passado na UFRGS, eu estaria na Nutrição, eu não pagaria pra fazer Educação Física (risos), eu faço porque é de graça, porque.... poderia fazer depois, mas depois da Nutrição, eu penso assim. [Trajetória 02: Carolina. Falando sobre ter uma graduação paralela.]

Esta colocação traz o ponto de se perguntar qual o perfil profissional que temos hoje no mercado. Esta não é uma declaração generalista, e nem pretende ser, mas ela levanta questões quanto à qualidade do que é oferecido nas academias. Quando o profissional não se reconhece ou se entusiasma com o serviço que entrega, dificilmente ficará motivado por muito tempo. Essa exaustão emocional faz com que seu serviço vá se precarizando a ponto de deixar clientes insatisfeitos. Essa cascata de ações faz com que exista um desgaste de mercado, já que uma empresa com clientes insatisfeitos provavelmente passará por dificuldades financeiras, que por sua vez não consegue remunerar bem os profissionais que lá atuam e estes por não se sentirem reconhecidos também passam por dificuldades de trabalhar com entusiasmo da melhor maneira possível. Este ciclo vicioso quando se inicia pode ser muito prejudicial para todos os envolvidos, até chegar o ponto de desistência coletiva.

Além do ponto de se ter um graduação complementar dentro da área da saúde, também foi possível perceber nas falas de Marcelo e Pablo, que para se ter um cargo de gestor e poder atuar com eficiência, seria interessante ter alguma especialização técnica em gestão (no caso de Marcelo), ou até mesmo uma graduação em Administração (como destacou Pablo). Cargos de gerência são muito comuns hoje no mercado de academias, seja como líder de turno, líder de equipe, coordenador, gestor ou até mesmo como proprietário. Os entrevistados ressaltaram que sentiram falta durante a graduação em Educação Física, uma abordagem mais direcionada para o mundo administrativo, visto que esse também pode ser um grande diferencial do mercado para aqueles que possuem este tipo de conhecimento.

O trecho a seguir é relatado por Pablo, que referencia seus antigos e atuais chefes/coordenadores como pessoas com conhecimento administrativo, traz a ressalva de que se tiver a oportunidade de assumir um cargo de gestão (e conseqüentemente ser melhor remunerado por isso), gostaria de ter embasamento teórico para atuar com mais propriedade, como relatado:

Eu acho que agora, depois de formado, a ideia é nunca parar de estudar né... eu quero tentar fazer uma pós-graduação, penso também em fazer uma outra graduação, talvez Administração mais pra frente, caso eu tenha algum cargo de coordenação aqui. Acho que quanto mais conhecimento, mais vai agregar valor ao profissional e a gente pode cobrar mais. [Trajetória 08: Pablo. Falando sobre complementar seu conhecimento com outra graduação.]

O caso de Fernanda sobre este ponto de discussão traz diferentes posições em relação à graduação complementar. No seu relato fica claro que existe uma vontade de ter outra graduação, mas ela diz, no mesmo momento, que não sabe se largaria tudo o que faz hoje ou se dedicaria seu tempo para essa graduação. É quase como se fosse platônico, a vontade de fazer outra graduação lhe parece interessante, mas talvez o fato em si de enfrentar mais alguns anos de estudos, em uma área fora da sua zona de conforto, pode não ser exatamente o que ela procura.

Na verdade assim, eu digo que eu faria Veterinária, mas eu não sei se de fato eu faria né, é só pela paixão que eu tenho por bichos, assim, mas... se alguém dissesse: "tá, larga tudo e faz agora.", eu não sei se eu faria, eu não largaria hoje a minha carreira, por exemplo. Se alguém me oferecesse uma bolsa na Veterinária eu acho que eu não largaria minha carreira pra fazer isso... mas eu daria uma pausa pra fazer Administração, por exemplo, que eu sei que me ajudaria muito nessa parte de complementar minha atuação na Educação Física, mas não sairia da área da Educação Física. [Trajetória 03: Fernanda. Falando sobre a diferença entre querer e cursar outra graduação.]

#### **6.4 A resiliência profissional da Educação Física**

Este último ponto, e não menos importante, vem como o fechamento das ideias aqui trabalhadas. Vimos que os profissionais de Educação Física, em momentos diferentes de sua trajetória, precisam se adaptar a um mercado que exige longas jornadas de trabalho e atue em diversos locais, sem ter um plano bem elaborado para a carreira e ainda lidar com as dúvidas de como se manter no mercado, ter outra graduação ou aliá-las num comprometimento com a qualidade do serviço.

De todos os casos aqui discutidos, 8 deles mostraram algum tipo de resiliência para se manter ativo no trabalho. Alguns tiveram passagens diferentes da área, vivências em outros segmentos, mas mesmo assim conseguem se manter motivados a continuar no trabalho. Das entrevistas aqui feitas, apenas 2 casos não gostariam mais de seguir na Educação Física (Francine e Ana), por já terem tentado alavancar suas carreiras de diversas formas e não obtiveram o resultado esperado.

Os casos aqui trabalhados conectam-se com o que foi apresentado por Silva e Lüdorf (2012) onde identificaram em graduandos de Educação Física que estavam

atuantes no mercado uma preocupação em manter a funcionalidade corporal para que cumprissem seus papéis sociais relacionados à profissão, tentando equilibrar a prática dos exercícios físicos, com boa alimentação e horas de sono regulares, para combater a degradação de sua saúde. Trago este ponto com o intuito de ressaltar que essa visão já existe enquanto ainda são graduandos, e conforme o tempo vai passando, as atividades se acumulando e as incertezas surgindo, o profissional que busca a estabilidade financeira associada à boa saúde, encontra-se limitado conforme envelhece e preocupa-se com a questão de como conseguir trabalho no futuro.

Sob a percepção de resiliência, temos o caso de Laura que é um pouco diferente destes últimos. Começou com o intuito de trabalhar na parte de educação escolar, acabou migrando para o mercado de academias e inclusive ficou um tempo fora da Educação Física em um trabalho administrativo. Hoje, seu foco é voltado estritamente para sua carreira de *personal trainer*, que é a forma que ela relata que consegue a melhor remuneração.

Hoje o plano é minha carreira, focar nos alunos de personal training. Hoje tenho 8 alunos, quero chegar a 10 e poder manter nessa faixa. A gente ganha um aluno e perde outro, cada mês é um mês. Se tivesse a oportunidade de voltar para a educação, acho que voltaria. Horário menor, a pessoa consegue ter uma vida decente. [Trajetória 09: Laura. Falando sobre o foco atual de sua carreira.]

A preocupação sobre a aposentadoria do *personal trainer* é uma questão latente que sempre acompanha os profissionais deste ramo. Brooks (2008) traz em seu livro um capítulo sobre como controlar finanças e seu futuro, ressaltando a importância dos conhecimentos sobre educação financeira e como se preparar para o futuro. Barbosa (2008) entende que o *personal trainer* é um profissional liberar de remuneração variável, ressalta a importância da administração financeira para equilibrar o orçamento entre pontos de mercado aquecido e épocas de escassez, como durante férias escolares, e festas de final de ano.

Quando se trata de resiliência, estamos falando principalmente de pessoas que já passaram por diversas situações e continuam se reinventando para seguir atuante. Nestes casos, é importante lembrar que professores mais experientes continuam a ser opções interessantes para academias, já que prestam um trabalho satisfatório, conhecem os bons costumes do mercado e potencializam a fidelização de alunos. Por outro lado, temos que evidenciar também o cansaço de Ana, que já tentou de diversas



formas a busca pela excelência na carreira mas ainda sente dificuldade de encontrar a estabilidade e a remuneração que deseja.

Tirando a questão levantada por Ana e Francine, todos os outros entrevistados continuam tentando alavancar suas carreiras dentro da Educação Física, mesmo que muitas vezes, precisem ir além de seus limites físicos, o que faz parecer que a profissão da Educação Física em academias não contribui para a saúde dos profissionais (SILVA, 2009).

Lüdorf e Ortega (2013) ressaltam que ainda há muitos nichos oportunos de mercado que possuem mais tempo de carreira. Atualmente podemos perceber ainda mais opções de atuação, como novas modalidades de prática e também o mercado de consultorias *online*.

## 7 UM MODELO DE CARREIRA RAMIFICADA

Este estudo foi iniciado com a contextualização de um mercado de trabalho 'aquecido' no setor *fitness*, normalmente conhecido como o de academias. A respeito dele fui tecendo algumas problematizações sobre as relações empregatícias inicialmente baseadas em percepções que construí como profissional que atua no setor há vários anos. Na sequência direcionei a pesquisa para a dimensão da carreira profissional, formulando a seguinte questão norteadora: Como profissionais de Educação Física, em diferentes momentos de suas trajetórias, se inserem no mercado de trabalho nas academias na cidade de Porto Alegre e quais suas percepções sobre a realidade e a expectativa de carreira no interior dele?

Para realizar a investigação propuz uma pesquisa qualitativa com a abordagem exploratória, esta desenvolvida com base em 10 entrevistas semiestruturadas com profissionais de educação física, estes com distintas trajetórias e relações empregatícias no mercado de academias em Porto Alegre. O conteúdo das entrevistas foi analisado a partir da técnica de redução textual, isso em dois movimentos: um primeiro capítulo dedicado para a descrição das trajetórias individuais, destacando a inserção e as percepções dos profissionais sobre a realidade e as expectativas; um segundo com uma análise interpretativa baseada em 04 categorias que emergiram dos dados, estas capazes de responder o questionamento anunciado no problema de pesquisa.

Foi possível compreender e fundamentar que as inserções e percepções dos profissionais sobre suas carreiras são marcadas e atravessadas por adaptabilidade para executar diversas funções no mesmo período, incerteza sobre o futuro, possibilidades de uma carreira paralela e resiliência. Com base nesses resultados, passo, agora, a fazer um exercício de considerações finais que tem o propósito de apontar para uma conjectura sobre um modelo de carreira que, tal como compreendi, é marcada por uma noção de circunstancialidade.

Em linhas gerais, os modelos de carreira apresentados na literatura até então me deixavam com dúvidas em relação ao que eu percebia na Educação Física. Percebi que existia uma miscelânea de carreiras paralelas, em Y, múltiplas e de características proteanas, o que me fez pensar o modo que minha própria carreira era construída ao longo da Educação Física. Baseado nisso, busquei propor o modelo

aqui exposto como *carreira ramificada* que possivelmente ajuda a esclarecer essa dúvida.

Quando o modelo de carreira encontrado não responde exatamente ao que era percebido, ressalto que os moldes da literatura não devem ser tomados como um “caminho certo”, eles apenas desenham as possibilidades para que se entenda a diversidade que o futuro profissional pode oferecer em diferentes condições. Assim, pude entender que o mercado de trabalho dentro do universo *fitness* possui suas características próprias, onde é possível notar a evidência de um mercado informal sobressalente, indo de acordo com as considerações encontradas na literatura e relatado aqui pelos entrevistados.

Partindo da ideia deste trabalho que era de entender melhor como se dá a trajetória profissional dentro da Educação Física (e como são criadas as expectativas profissionais), busquei entender quais eram as percepções dos profissionais a respeito de como tem se caracterizado o mercado de academias na cidade de Porto Alegre, juntamente como tentar entender quais percepções e expectativas eram produzidas sobre esse mercado pelos profissionais de Educação Física em seus diferentes momentos da trajetória de trabalho e carreira.

Baseado nisso e tendo a noção das limitações deste trabalho, que foi de ter entrevistado apenas um pequeno grupo diante da grandiosidade do mercado atualmente e também por ter focado apenas na ênfase das atuações destinadas ao bacharelado, considero a hipótese do desenho de *carreira ramificada* como sendo uma proposta mais fidedigna do que foi explorado neste estudo. Este modelo prevê a ‘evolução profissional’ aliada à ‘evolução pessoal’, visto que ao mesmo tempo em que o profissional vai desenhando sua trajetória, encaixando-se no mercado e sendo moldado por ele, a experiência sempre é somada, numa proposta de via única e crescente, levando em consideração que tudo que é vivido deixa algum tipo de aprendizado e que alguma adaptação sempre é a resposta de um estímulo.

Com os pontos recorrentes encontrados nas falas dos entrevistados, pude diferenciar do modelo de carreira proteana algumas características que foram responsáveis pela formulação da carreira ramificada, ou seja, diferentemente da carreira proteana que prevê uma troca de área de atuação ou de mercado profissional, a resiliência do profissional de Educação Física faz com que ele siga tentando de diversas formas geralmente se encaixar dentro do mesmo mercado, mas com modalidades diferentes, onde pude ainda adicionar também a linha de expectativa

tanto para graduandos quanto para os que já estão ativos no mercado, já que existe a expectativa de novas conquistas ou trabalhar com algo que tenha mais afinidade.

Pensar a Educação Física como uma carreira promissora no setor *fitness* é um desafio e tanto, justamente por não termos o conhecimento de como essa trajetória pode ser trabalhada. Esse incômodo iniciou quando questionava minha própria carreira dentro da área, e quando a dúvida tomou uma forma mais específica pude externá-la para este trabalho. O fato de ter todas as dúvidas canalizadas em um único tema foi um grande desafio, e vi que ao entrevistar colegas de trabalho esses mesmos questionamentos já estavam lá, plantadas, só precisava do estímulo inicial das perguntas certas para que pudessem falar sobre suas percepções (ou falta de percepções) sobre o futuro.

Logo, este trabalho ao tomar forma e começar a esboçar uma nova proposta de carreira, passou a ter a missão de esclarecer aos colegas da Educação Física que o que acontece na evolução de suas carreiras não é uma situação exclusiva e individual. Estas incertezas sobre o futuro surgem ao longo do tempo, as angústias sobre como será a atuação profissional com o passar da idade também incomoda os que já estão nessa fase, os que já passaram e os que estão apenas começando. Ter um planejamento prévio sobre a estratégia de carreira e uma boa noção de gestão de recursos são fundamentais para minimizar riscos. Entender que o trabalho liberal e a remuneração de forma autônoma possuem seus prós e contras, saber administrá-los pode ser de grande valia para um caminho menos áspero no mercado. É preciso entender que essa quantidade de incertezas não está deixando o profissional fadado ao fracasso, e que sim, estas mudanças podem ou vão ocorrer em algum momento e basta antecipar-se no planejamento para que o caminho do sucesso seja alcançado de forma plena.

A Educação Física mostra-se como uma profissão extremamente dinâmica, fluída, onde muitas coisas acontecem ao mesmo tempo e as atuações profissionais corriqueiras em algum momento podem se sobrepor, levando o profissional a repensar tudo que está sendo feito correndo o risco inclusive de abandonar a área da Educação Física aplicada. O intuito não é de defendê-la como a melhor ou pior profissão do que pode se encontrar no mercado, apenas ressaltar este ponto por já ter acompanhado excelentes profissionais que acabaram por migrar da área de atuação que tinham, onde eram destaque, para buscar garantias em outro mercado afirmando que não tinham se encontrado na Educação Física. Apesar de ouvir estes relatos, que ainda

eram concluídos com a fala “gosto do que faço, mas não dá mais...”, entendi que muitos destes colegas acabavam saindo da Educação Física por estarem passando essa fase de transição de carreira, suponho ainda que se tivessem um conhecimento prévio de que estas situações provavelmente fossem ocorrer, talvez já pudessem elaborar um plano de contingência para poder sobreviver ao mercado. Dependendo da própria saúde e ter seu corpo como a principal (e talvez única) máquina de trabalho, é um tanto arriscado quando paramos para pensar nas limitações de uma capacidade laborativa, já que todos estamos sujeitos à alguma enfermidade, injúria ou até uma situação acidental que impeça-o de seguir trabalhando.

Por fim, encerro este trabalho com a satisfação de ter conseguido elaborar a hipótese de um modelo de carreira que respondesse de forma mais clara as questões levantadas neste estudo. Espero que esta contribuição possa servir como base para que outros estudos derivem deste, e assim, possa ser uma questão a ser trabalhada de forma objetiva e faça com que os profissionais da Educação Física encontrem-se dentro do seu mercado, sem achar que estão no caminho errado de uma carreira e que não precisem duvidar tanto de si mesmos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. C. Perfil profissional de instrutores de academias de ginástica e musculação. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v.9, n.60, 2003
- AZEVÊDO, Paulo Henrique. O esporte como negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p 929-939, set./out., 2009.
- AZEVÊDO, P.H.; SILVA, L. P. A. Formação Profissional do graduado em Educação Física, a sua relação trabalhista com academias de atividades físicas e a repercussão sobre sua carreira. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v.3, p.133-153, 2013.
- BARBOSA, M. **Treinamento Personalizado: estratégias de sucesso, dicas práticas e experiências do treinamento individualizado**. São Paulo: Phorte, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BERTEVELLO, G. Academias de ginástica e condicionamento físico – Sindicatos & associações. In: DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- BOSSLE, C. B. O personal trainer e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 187-198, jan./abr., 2008.
- BROOKS, D. S. **O livro completo do treinamento personalizado**. São Paulo: Phorte, 2008
- CAIN, G. The challenge of segmented labor market theories to orthodox theory: a survey. **Journal of Economic Literature**, v. 4, n. 14, 1976.
- CAMARGO, J. M. Informalização e renda no mercado de trabalho. In: SEDLACEK, L. G.; BARROS, R. P. **Mercado de trabalho e distribuição de renda: uma coletânea**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1989.
- CAPINUSSÚ, J.M. Academias de ginástica e condicionamento físico: origens. In: DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, p. 67-75, nov./dez., 1995.
- COELHO-FILHO, C. A. A. Fruto maduro? Caindo do pé? In: TORRES, M.; SANTOS, R. F. (Orgs.). **Lições de educação física 1**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2005. p. 165-202.
- CUNHA, Paulo Vieira da. A organização dos mercados de trabalho: três conceitos alternativos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 19, n. 1, p. 29-46, jan./mar., 1979.
- DOMINGUES FILHO, L. A. **Manual do Personal Trainer Brasileiro**. São Paulo: Ícone, 2006

DUTRA, Joel Souza. **Administração de Carreiras**. São Paulo: Atlas, 1996.

DUTRA, Joel Souza. **Gestão de carreiras na empresa contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2010.

ESPIRITO-SANTO, G.; MOURÃO L. A auto-representação da saúde de professores de Educação Física de academias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.27, n.3, p.39-55, mai., 2006.

EVANS, P. Carreira, sucesso e qualidade de vida. **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, n.3, p.14-22, jul./set., 1996.

FERNANDES, R. Mercado de trabalho não regulamentado: participação relativa e diferenciais de salários. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, São Paulo, v. 26, p. 417-442, 1996.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, D. C et al. O envelhecer na visão do profissional de educação física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1523-1541, out/dez. 2014.

FURTADO; R. P. Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.10, n.2, p. 307-322, jul./dez., 2007.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRANOVETTER, M. **Getting a job: a study of contacts and careers**. Chicago: Chicago Press, 1995.

KOPSCHINA, L. C. Y. **Mercados segmentados de trabalho: teoria e evolução**. 2001. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LAMOUNIER, V. L. **Da escravidão ao trabalho livre: a lei de locação de serviços de 1879**. Campinas: Papirus, 1988.

LERNER, W. **Organizações, Sistemas e Métodos**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LÜDORF, S.M.A.; ORTEGA, F.J.G. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. **Interface**, Botucatu, v.17, n.46, p. 661-675, jul./set., 2013.

MARRAS, J. P. **Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico**. São Paulo: Futura, 2000.

NORONHA, E. G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 18, n. 53, p. 111-129, out., 2003.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 5, p.1517-1538, 2011.

RELATÓRIO GLOBAL IHRSA. Fitness cresce no mundo inteiro e Brasil ainda sofre com a crise econômica. **Revista ACAD Brasil**, p.10-21, ago./set., 2017.

SCALABRIN, A. C. **Carreira Sem Fronteiras e as trajetórias descontínuas: um estudo descritivo sobre decisões de *opt-out***. 2008. 268f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SEGALA, M. Depois da carreira em Y, empresas adotam a carreira em W. **Revista EXAME – VocêRH**. 2015. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/carreira/uma-via-de-tres-maos/>>. Acessado em: 25 jun. 2017.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 187-204, abr./jun. 2012.

SINGER, P. I. **Economia política do trabalho: elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista**. São Paulo: Hucitec, 1979.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2007.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S. Evolução do conceito de carreira e sua aplicação para a organização e para as pessoas. *In*: DUTRA, J.S. (Org.). **Gestão de Carreiras na empresa contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2010.

VELOSO, Elza Fátima Rosa. **Carreira sem fronteiras na gestão pessoal da transição profissional: um estudo com ex-funcionários de uma instituição com características de empresa pública**. 2009. 523f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VILHENA, L. M.; SANTOS, T. M.; PALMA, A.; MOURÃO L. Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no *fitness* na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 449-464, abr./jun. 2012.



## **APÊNDICES**

**Apêndice 1 - Modelo de Termo de Concordância de Gestores/Responsáveis das Academias**

Porto Alegre, [data] de [mês] de 2017.

Prezado(a) Gestor(a)

Sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou desenvolvendo, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Myskiw, uma dissertação de mestrado a respeito do mercado de academias e, no interior deste, da percepção das carreiras por profissionais de Educação Física em diferentes trajetórias e inserções.

Para desenvolver esse trabalho necessito da Vossa colaboração no sentido de indicar profissionais de Educação Física que trabalham na Academia para participarem de entrevistas sobre a temática indicada acima. Vale ressaltar que as entrevistas não serão realizadas em horário de trabalho.

Atenciosamente,

**Pedro Xavier Manfro**  
Mestrando do Programa de Pós-  
Graduação em Ciências do  
Movimento Humano  
Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul

**Mauro Myskiw**  
Professor do Programa de Pós-  
Graduação em Ciências do Movimento  
Humano  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul

ILMO. SR(A).  
GESTOR(A)  
ACADEMIA

**Apêndice 2 - Roteiro de entrevistas****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Título do estudo:** A percepção de carreira de profissionais de Educação Física e a atuação no mercado de academias: expectativas e realidades

**Entrevistado:** \_\_\_\_\_ **Idade:** \_\_\_\_\_

**Cargo:** \_\_\_\_\_ **Atua desde:** \_\_\_\_\_

**Data da entrevista:** \_\_\_\_\_ **Horário da entrevista:** \_\_\_\_\_

**Duração da entrevista:** \_\_\_\_\_

Questões:

1. Quais foram os principais motivos que lhe fizeram escolher o curso de Educação Física?
2. \*Estágio:
  - a. Como foi a sua experiência com estágios antes da conclusão do curso?
  - b. Como está sendo a sua experiência com o estágio? Está indo de acordo com o que espera do mercado?
3. \*Percepções sobre o mercado:
  - a. Quais foram suas percepções sobre o mercado logo no início da trajetória profissional como bacharel?
  - b. Quais são suas expectativas para a atuação no mercado de academias logo após a conclusão da graduação?
4. Sua carreira está centrada na Educação Física? Já cursou outra graduação ou atuou em outra profissão?
5. Você está satisfeito com a atuação/remuneração do profissional no mercado de academias?
6. Quais são seus planos de futuro para a carreira?

\*: O entrevistado deverá responder somente a questão "a" (no caso de já graduado) ou "b" (no caso de estágio)

### Apêndice 3 - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **A PERCEPÇÃO DE CARREIRAS DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A ATUAÇÃO NO MERCADO DE ACADEMIAS: EXPECTATIVAS E REALIDADES**

Pesquisadores responsáveis: **Pedro Xavier Manfro, Mauro Myskiw**  
Instituição/Departamento: **Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande /UFRGS**  
Telefone para contato: **(51) 9.8199.5959**  
Local da coleta de dados: **[a definir]**

**Objetivo do estudo:** Compreender o mercado de academias e, no interior deste, a percepção das carreiras por profissionais de Educação Física em diferentes trajetórias e inserções.

Prezado colaborador(a) da pesquisa:

#### **SOBRE A ADESÃO:**

Você está sendo convidado(a) a responder essa entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que compreenda as informações e instruções contidas neste documento, considerando que:

- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

#### **SOBRE A PARTICIPAÇÃO:**

Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- Disponibilizar um tempo aproximado de 60 minutos para responder às perguntas;
- Responder as questões constantes da entrevista.

#### **SOBRE OS BENEFÍCIOS:**

A finalidade desta pesquisa é ampliar os conhecimentos no campo da gestão de academias, podendo ser benéfico para você, mas principalmente terá um retorno importante para o universo de intervenção em Educação Física.

#### **SOBRE OS RISCOS:**

Toda a pesquisa envolve algum tipo de risco, porém acreditamos que a sua participação como entrevistado na resposta das questões não representará risco de ordem física ou psicológica. Mesmo assim, durante as entrevistas, caso observe qualquer tipo de risco, no sentido de constrangimento ou conflito de interesses, basta manifestar para que o processo seja encerrado.

**SOBRE O SIGILO:**

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. As pessoas que participarão das entrevistas e a academia envolvida na pesquisa não serão identificadas em nenhum momento, mesmo se os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

**DECLARAÇÃO DE ESCLARECIMENTO E DE CONSENTIMENTO**

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data: \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura

Assinatura do pesquisador/entrevistador:

\_\_\_\_\_

Assinatura

**ANEXO**

## Anexo 1 - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFRGS)



The screenshot displays the 'Plataforma Brasil' interface for a researcher. The top navigation bar includes 'Saúde Ministério da Saúde' and 'Plataforma Brasil' logos. The user is logged in as 'MAURO MYSKIW - Pesquisador | V3.2' with a session expiration of 38 minutes. The main content area is titled 'DETALHAR PROJETO DE PESQUISA' and shows the following details:

- Título da Pesquisa:** A PERCEÇÃO DE CARREIRA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A ATUAÇÃO NO MERCADO DE ACADEMIAS: EXPECTATIVAS E REALIDADES
- Pesquisador Responsável:** MAURO MYSKIW
- Área Temática:**
- Versão:** 1
- CAAE:** 80769617.0.0000.5347
- Submetido em:** 04/12/2017
- Instituição Proponente:** Escola de Educação Física da Universidade do Rio Grande do Sul
- Situação da Versão do Projeto:** Aprovado
- Localização atual da Versão do Projeto:** Pesquisador Responsável
- Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

A circular stamp from the 'COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA' is visible, with a signature across it that reads 'COORDENADOR'. At the bottom right, there is a 'Comprovante de Recepção' icon and the file name 'PB\_COMPROVANTE\_RECEPCAO\_1041665'.